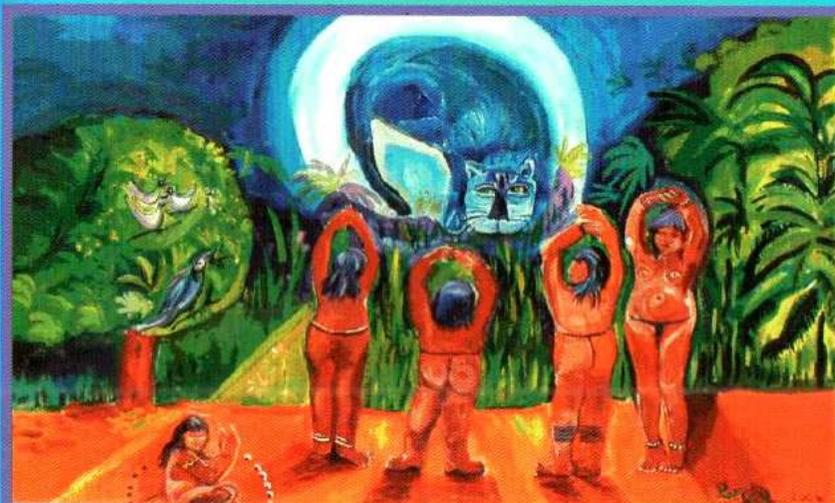


Ymaguare
Mokôi po ha Mbohapy

A Associação Artístico Cultural Nhandeva

Apresenta

Ymaguare

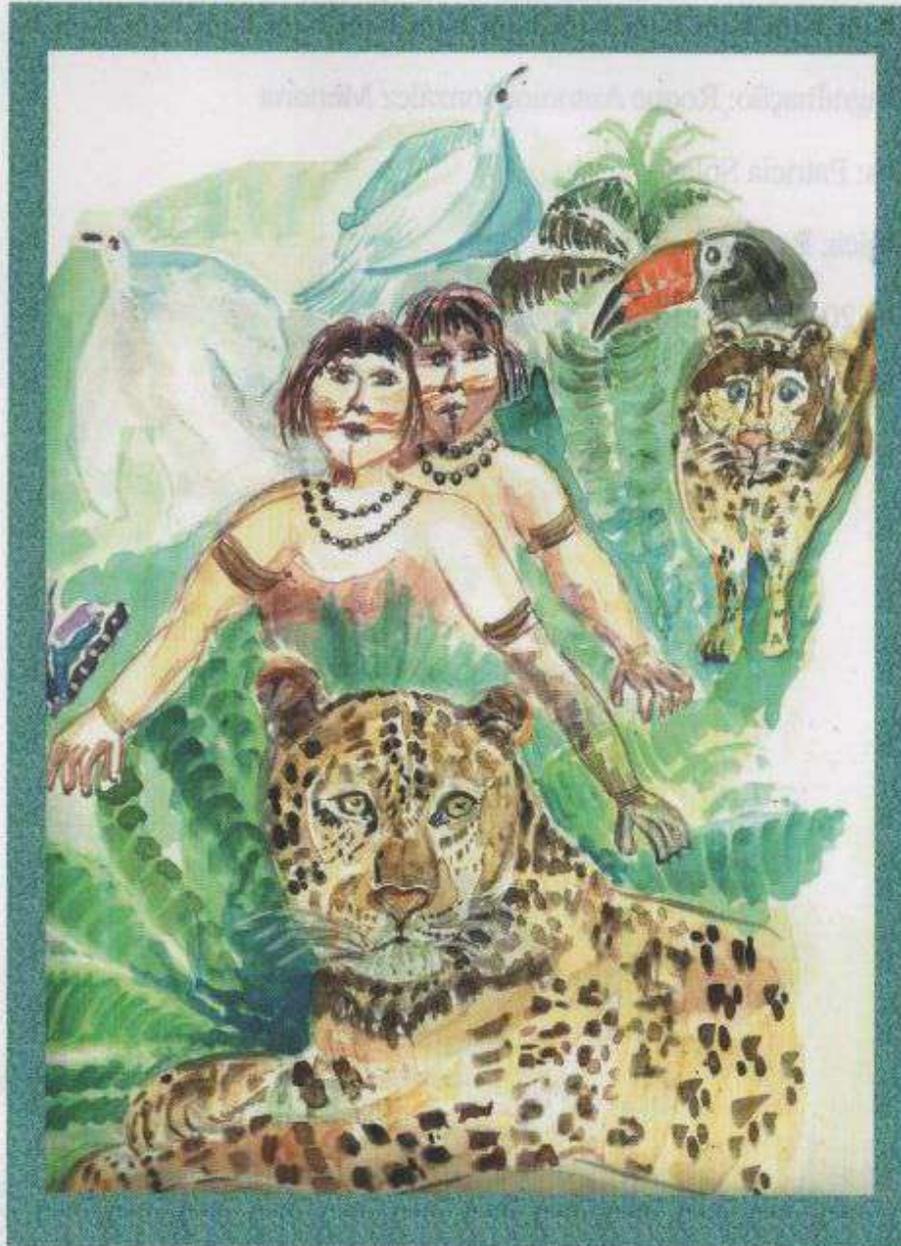


Durante o eclipse as mulheres da aldeia gritam e ameaçam, queimam cera de abelha de tapesuá que faz seu ninho na terra, não nas árvores.

Os Guaranis golpeiam com seus arcos as árvores e com seus machados de pedra, golpeiam a terra para espantar Baipu Tuvy ou Baipu Chivy.

Mitos e lendas guarani

Ymaguaré Mokôi po ha mbohapy



Ymaguaré Mokôï po ha mbohapy

Direção editorial: Associação Artístico Cultural Nhandeva

Investigação e diagramação: Roque Antonio González Menoret

Textos e desenhos: Patricia Solari

Proposta pedagógica: Patricia Solari

2ª Edição julho de 2010 Paraty, Rio de Janeiro Brasil





Índice

Página. 6 Prefácio

Página. 10 Mapa com as três aldeias do Rio de Janeiro

Página. 13 Prólogo

Página. 15 Yvy marã a terra sem males.

Página. 23 O tape avirú.

Página. 29 Mapa do tape avirú.

Página. 31 Lenda do curupira

Página. 35 A corda que unia o céu e a terra

Página. 41 Nhamandu

Página. 45 Tupã

Página. 49 O eclipse

Página. 53 A flor de Yrupé

Página. 57 A terra das onças

Página. 65 Zuinaná a seiva vibrante

Página. 73 Mbaracá mirim

Página 100 Exercícios

Página 105 Bibliografia

Página 106 Glossário

Prefácio

Quando Patrícia e Roque me convidaram a escrever o prefácio deste belo livro, minha reação foi me sentir muito feliz, pois teria a oportunidade de comentar e expressar minha admiração não somente por este tesouro em forma de livro, como também pelo nobre trabalho que eles desenvolvem na Associação Mhandeva.

Nas ocasiões anteriores em que tive o privilégio de cooperar profissionalmente com essa *dupla 'dinâmica'*, sempre fui surpreendida com ensinamentos, aprendizados e prazer, ao longo do caminho. Sinto-me privilegiada por participar de algo tão especial, feito com tanto amor e dedicação.

O modo simples - jamais simplista - com que Patrícia transmite os fatos, a história, os saberes e fazeres dessa cultura impressionante e ameaçada - a cultura do povo Guaraní - é emocionante.

Patrícia consegue imprimir à narrativa, o ritmo típico desses nossos conterrâneos aborígenes - os primeiros habitantes da *Terra Brasilis*, de toda a nossa América do Sul, nossos *ancestrais primeiros*.

O ingênuo 'malabarismo' que pontua o discurso de Ymaguaré Mokôï pó há mobohapy, banhado no *swing* rítmico inerente aos nobres representantes do mítico 'Paráiso Tropical' confere ao trabalho uma aura de inquestionável genuinidade.

Num tom musical, tribal - deliciosamente inocente e livre - Patrícia nos *envolve...* e quase nos *devolve...* ao 'colo perdido' - o útero morno e protetor de nossa *Pacha Mama...* Ymaguaré Mokôï pó há mobohapy atinge nosso *coração* com flecha certa, disparada ao compasso do *Sagrado Coração* da Mãe Terra... No bater dos tambores (*e dos amores*) nos arremessa ao encontro de nossas mais profundas raízes.

Patrícia capta a essência desses povos fundamentais, com pureza e maestria. Deixando intactas as lições dessa 'brava gente livre', ela nos convida a (re) aprender essa história - tão nossa e tão esquecida. Deixada de lado, menosprezada, dilacerada - através dos anos.

Despidos de vaidade (e preocupados com coisa muito maior), Patrícia e Roque generosamente compartilham sua experiência e conhecimento - fruto de seu laborioso estudo, paciente pesquisa e respeitosa vivência junto a representantes desse povo admirável.

Sem aspirações acadêmicas ou de reconhecimento, Patrícia e Roque nos conduzem a um reencontro com essa sabedoria milenar, num exercício de resgate cultural e histórico de suma importância.

Seu empenho é incansável e desinteressado - realizado com carinho, executado com responsabilidade e persistência. Sua obstinação tem como meta o redescobrimto do precioso legado dessa civilização quase extinta - oprimida, massacrada... E nos compele a cultivar e a não deixar morrer essa cultura, cheia de sabedoria e encanto, sublinhando seu caráter altaneiro, restituindo a seus representantes, a glória redentora da dignidade.

Através das questões propostas para reflexão, o livro assume um aspecto pedagógico, dinâmico e interessante, com a intenção de formar nas novas gerações, uma nova consciência. Além de, ao mesmo tempo, dar uma contribuição substancial para o que hoje chamam de 'pensamento ecológico' e de 'postura de sustentabilidade', nesses dias plenos de falta de respeito e gratidão à Natureza e de falta de reverência às coisas fundamentais da Vida. Com *Ymaguaré Mokôï pó há mobohapy*, Patrícia nos convida a repensar nosso modo de viver e encarar o mundo. E nos conduz a refletirmos sobre a ética que permeia as relações socioeconômicas do homem moderno ocidental.

Uma lição que nos propõe reconexão com as populações indígenas, com a transcendência das premissas essenciais de sua filosofia e de seu *modus vivendis*. E ainda nos remete à dimensão maior dos conceitos universais de harmonia com a Natureza e de união e solidariedade entre os povos.

Na beleza delicada das aquarelas de Patrícia, que ilustram o livro, fica retratada a atmosfera exuberante da vida nas aldeias. Fica também registrado o rico imaginário *Guarani*, farto em lendas e parábolas - traço marcante da cultura desse que um dia foi um bravo povo.

A contribuição de *Ymaguaré Mokôï pó há mobohapy* reside também em refletir o trabalho desenvolvido pela 'Associação *Mhandeva*' - atualmente 'Ponto de Cultura' reconhecido pela Secretaria de Cultura do Estado e gerenciado por esse dedicado casal, em árdua batalha, há treze anos - para apoiar os representantes desse povo e preservar sua cultura - mais diretamente as comunidades tradicionais indígenas que vivem na região de Paraty.

Prefácio

Quando Patrícia e Roque me convidaram a escrever o prefácio deste belo livro, minha reação foi me sentir muito feliz, pois teria a oportunidade de comentar e expressar minha admiração não somente por este tesouro em forma de livro, como também pelo nobre trabalho que eles desenvolvem na Associação Mhandeva.

Nas ocasiões anteriores em que tive o privilégio de cooperar profissionalmente com essa *dupla 'dinâmica'*, sempre fui surpreendida com ensinamentos, aprendizados e prazer, ao longo do caminho. Sinto-me privilegiada por participar de algo tão especial, feito com tanto amor e dedicação.

O modo simples - jamais simplista - com que Patrícia transmite os fatos, a história, os saberes e fazeres dessa cultura impressionante e ameaçada - a cultura do povo Guarani - é emocionante.

Patrícia consegue imprimir à narrativa, o ritmo típico desses nossos conterrâneos aborígenes - os primeiros habitantes da *Terra Brasilis*, de toda a nossa América do Sul, nossos *ancestrais primeiros*.

O ingênuo 'malabarismo' que pontua o discurso de Ymaguaré Mokôï pó há mobohapy, banhado 'no *swing* rítmico inerente aos nobres representantes do mítico 'Paraíso Tropical' confere ao trabalho uma aura de inquestionável genuinidade.

Num tom musical, tribal - deliciosamente inocente e livre - Patrícia nos *envolve...* e quase nos *devolve...* ao 'colo perdido' - o útero morno e protetor de nossa *Pacha Mama...* Ymaguaré Mokôï pó há mobohapy atinge nosso *coração* com flecha certa, disparada ao compasso do *Sagrado Coração* da Mãe Terra... No bater dos tambores (*e dos amores*) nos arremessa ao encontro de nossas mais profundas raízes.

Patrícia capta a essência desses povos fundamentais, com pureza e maestria. Deixando intactas as lições dessa 'brava gente livre', ela nos convida a (re) aprender essa história - tão nossa e tão esquecida. Deixada de lado, menosprezada, dilacerada - através dos anos.

Despidos de vaidade (e preocupados com coisa muito maior), Patrícia e Roque generosamente compartilham sua experiência e conhecimento - fruto de seu laborioso estudo, paciente pesquisa e respeitosa vivência junto a representantes desse povo admirável.

Sem aspirações acadêmicas ou de reconhecimento, Patrícia e Roque nos conduzem a um reencontro com essa sabedoria milenar, num exercício de resgate cultural e histórico de suma importância.

Seu empenho é incansável e desinteressado - realizado com carinho, executado com responsabilidade e persistência. Sua obstinação tem como meta o redescobrimto do precioso legado dessa civilização quase extinta - oprimida, massacrada... E nos compele a cultivar e a não deixar morrer essa cultura, cheia de sabedoria e encanto, sublinhando seu caráter altaneiro, restituindo a seus representantes, a glória redentora da dignidade.

Através das questões propostas para reflexão, o livro assume um aspecto pedagógico, dinâmico e interessante, com a intenção de formar nas novas gerações, uma nova consciência. Além de, ao mesmo tempo, dar uma contribuição substancial para o que hoje chamam de 'pensamento ecológico' e de 'postura de sustentabilidade', nesses dias plenos de falta de respeito e gratidão à Natureza e de falta de reverência às coisas fundamentais da Vida. Com *Ymaguaré Mokôi pó há mobohapy*, Patrícia nos convida a repensar nosso modo de viver e encarar o mundo. E nos conduz a refletirmos sobre a ética que permeia as relações socioeconômicas do homem moderno ocidental.

Uma lição que nos propõe reconexão com as populações indígenas, com a transcendência das premissas essenciais de sua filosofia e de seu *modus vivendis*. E ainda nos remete à dimensão maior dos conceitos universais de harmonia com a Natureza e de união e solidariedade entre os povos.

Na beleza delicada das aquarelas de Patrícia, que ilustram o livro, fica retratada a atmosfera exuberante da vida nas aldeias. Fica também registrado o rico imaginário Guarani, farto em lendas e parábolas - traço marcante da cultura desse que um dia foi um bravo povo.

A contribuição de *Ymaguaré Mokôi pó há mobohapy* reside também em refletir o trabalho desenvolvido pela 'Associação Mhandera' - atualmente 'Ponto de Cultura' reconhecido pela Secretaria de Cultura do Estado e gerenciado por esse dedicado casal, em árdua batalha, há treze anos - para apoiar os representantes desse povo e preservar sua cultura - mais diretamente as comunidades tradicionais indígenas que vivem na região de Paraty.

A *Mhandeva* tem ainda o mérito de valorizar a grande e inegável influência *Guarani* em nossa cultura sul-americana, em particular no chamado 'caldeirão cultural' brasileiro, através do evento 'Ymaguaré', que se realiza anualmente desde 1997, assim como o Concurso de Cestaria 'Viejo Award', que vem sendo realizado já há sete anos, em parceria com o Poeh Center de Pojouaque, Novo México USA.

Só para citar um exemplo, a influência dos *Guaranis* em nossas vidas fica bem explícita quando observamos quantas palavras de nossos idiomas sul-americanos – em nossa culinária, nossa geografia e história, em nossa realidade em geral – são legítima herança deles, que são os nossos verdadeiros ancestrais. Injustiçados...

Essa influência foi registrada em diversos e famosos romances, como por exemplo, "O *Guarani*", de José de Alencar, um dos clássicos da Literatura Brasileira. E ainda se faz sentir presente, com força, em músicas *pop*, modernas e contemporâneas como a 'To be Tupy', do pernambucano Lenine: "*O meu nome é Tupy, Guarany... (...) O meu nome é Pery de Cecy, sou neto de Caramuru... (...) Sou Gaudino, Juruna e Raony.*"...

Ymaguaré Mokôï pó há móbóhapy pode ser considerado uma prece, um 'cântico' a se juntar a outros 'cânticos' de tantos escritores, filósofos, sociólogos, antropólogos, agentes sociais, músicos e poetas como Caetano Veloso, que profetizou ao cantar: "*Um índio descerá de uma estrela colorida, brilhante... e pousará no coração do hemisfério sul, na América, num claro instante... (...) Mais avançado do que a mais avançada das mais avançadas tecnologias... (...) Depois de exterminada a última nação indígena, e o espírito dos pássaros e das fontes de água límpida... (...) E aquilo que nesse momento se revelará aos povos, surpreenderá a todos, não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto, quando terá sido óbvio.*"

Em pleno século XXI, tempos de caos, em que a Humanidade busca um *Norte*, quem sabe não é hora de nos mirarmos no exemplo, na história e na sabedoria desses nobres povos, primeiros habitantes de nosso continente, e, como já recomendou numa canção, Gilberto Gil, ex- Ministro da Cultura do Brasil, buscarmos *aqui*, em nossas raízes do *Sul*, o ansiado *Norte*, a orientação que falta? "*Se oriente, rapaz, pela constelação do Cruzeiro do Sul*"...

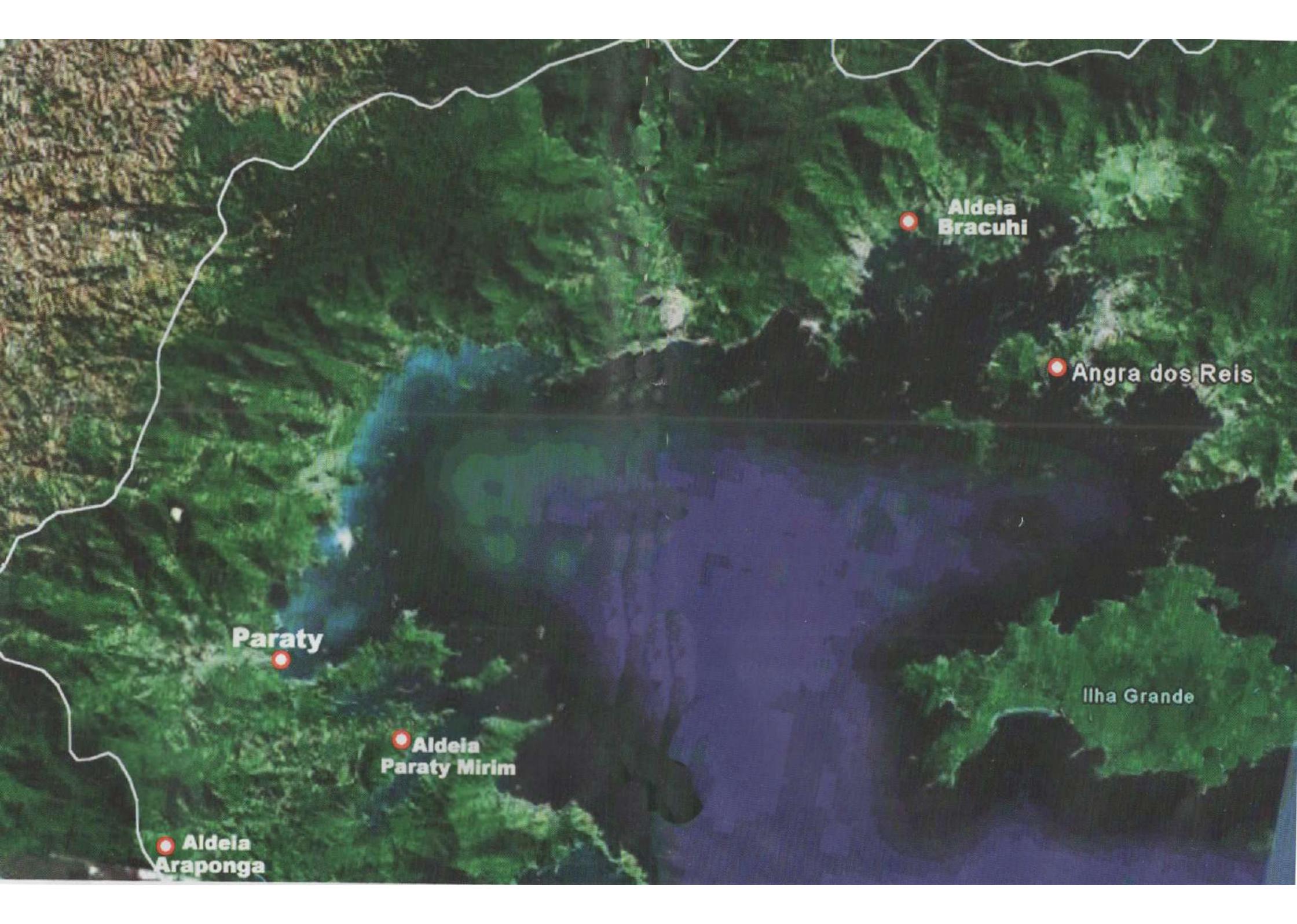
Yamguaré Mokôï pó há mobohapy é mais um grito de alerta em relação à necessidade premente de revermos nosso comportamento como representantes da grande Família Humana, como filhos da Mãe Terra – no destino comum e incerto que nos une.

Somos muitos... e somos Um! Sublime mistério que deve ser considerado e revelado. Talvez assim, unidos em pensamento e ação, despertemos, e num grande e harmonioso uníssono possamos reverter o rumo da História e encontrarmos, enfim, o caminho para Yvy Marã – a Terra sem Males...

Obrigada, Patrícia e Roque, por nos presentear com Yamaguaré Mokôï pó há mobohapy, essa iniciativa tão preciosa, cheia de ensinamentos, significado e importância!

Marília van Boekel Cheola
Paraty, julho de 2010

Marília é jornalista e tradutora. Organizadora e assessora de imprensa do evento Off Flip e ex-Diretora de Comunicação da Secretaria de Turismo e Cultura de Paraty.



**Aldeia
Bracuhi**

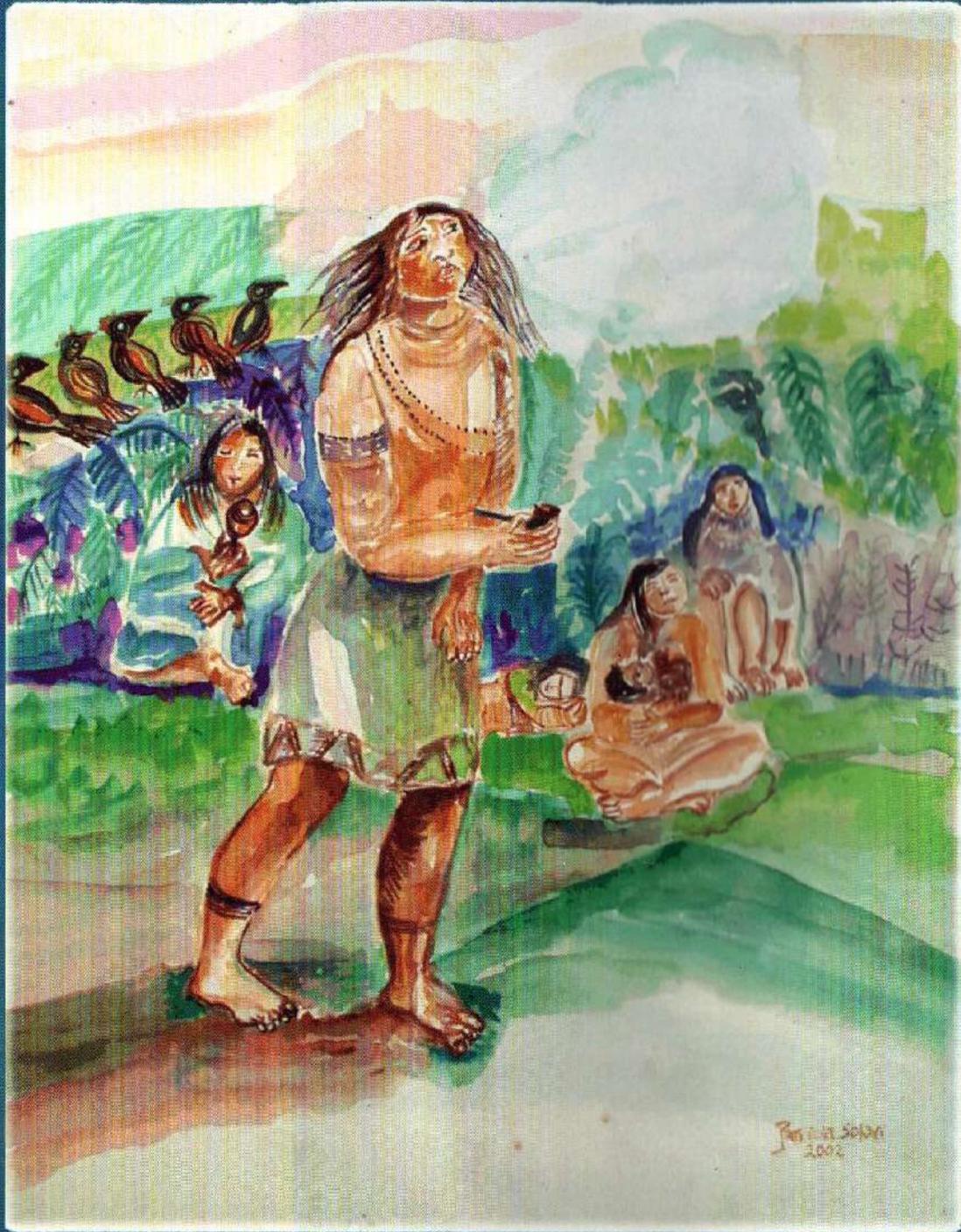
Angra dos Reis

Paraty

**Aldeia
Paraty Mirim**

**Aldeia
Araponga**

Ilha Grande



Patricia Solari
2002

Ymaguaré - Mokôî pó há mbohapy

Como foi que uma civilização chamada primitiva - como os indígenas ameríndios *Guarani* e outras tantas - conseguiu sobreviver até os dias de hoje sem usar a tecnologia, nem a roda?

Como é que as outras civilizações indígenas da América, os nativos americanos compreendiam sua responsabilidade com os elementos da Natureza e com a Terra?

Compreendendo que esta responsabilidade tem prioridade sobre todas as demais obrigações. O amor e a sabedoria não precisam de ferramentas.

Hoje, em junho de 2010, estamos perante um rito de passagem, misterioso como a Natureza mesma, em que a Terra se conecta com todos os seres vivos, através de todos os campos de força, pedindo a nós, humanos, para modificarmos nossa consciência, para poder continuar vivendo - e acolhendo a Vida. Este novo estado se refere a todos os sonhos de nossos ancestrais. Sonhos dos quais fazemos parte.

Passar pelo olho do furacão e entrar na engrenagem da História, modificar o comportamento para podermos continuar como seres que habitam um planeta.

Criatividade e espiritualidade vêm-se afetados pelo excesso de tecnologia.

É aí que nossa sensibilidade se fecha, nossa sensibilidade se reduz. A percepção que temos da vida está sendo condicionada pelo excesso de civilização.

Podemos perceber a batida do coração da Mãe Terra quando tocamos um tambor.

Assim lembraremos que lá no centro não há só lava e magma, mas também há Vida.

Quando cumprimos o Sol, e o chamamos de *Kuarahy*, reverenciando sua sabedoria e generosidade, compreendemos que existe uma unidade entre o Sol que nos aquece e nos dá luz, e a Terra, que nos dá frutos.

Tudo o que tem Vida aspira à luz. Dentro de nossas células percebemos a luz. Esta informação é para todos.

Nossa atitude afeta todo mundo e tudo nos afeta.

Este entendimento dos relacionamentos harmoniosos é uma tremenda responsabilidade que os ancestrais *Guarani* e todas as culturas indígenas compreendem e transmitem para seus descendentes.

Se nossos relacionamentos imediatos passam a ser respeitados, reconhecidos, como na Natureza, em que todas as coisas estão no lugar certo, os seres humanos estariam entendendo que tudo a nosso redor é Vida - e Vida é algo sagrado.

Não é trivial, não é à toa. Tudo é importante.

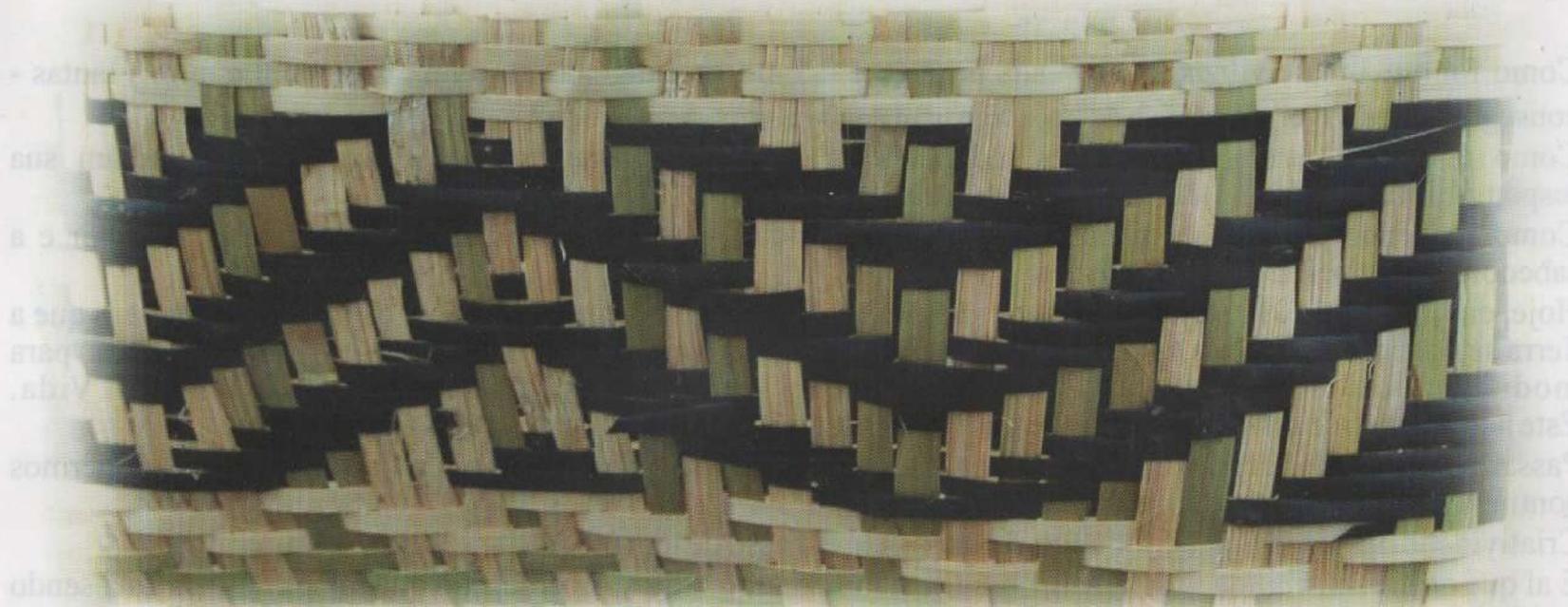
Nós, como seres humanos, podemos cuidar, arrumar e consertar a Terra.

Vamos pensar - agora mesmo - 10 maneiras de ajudar!

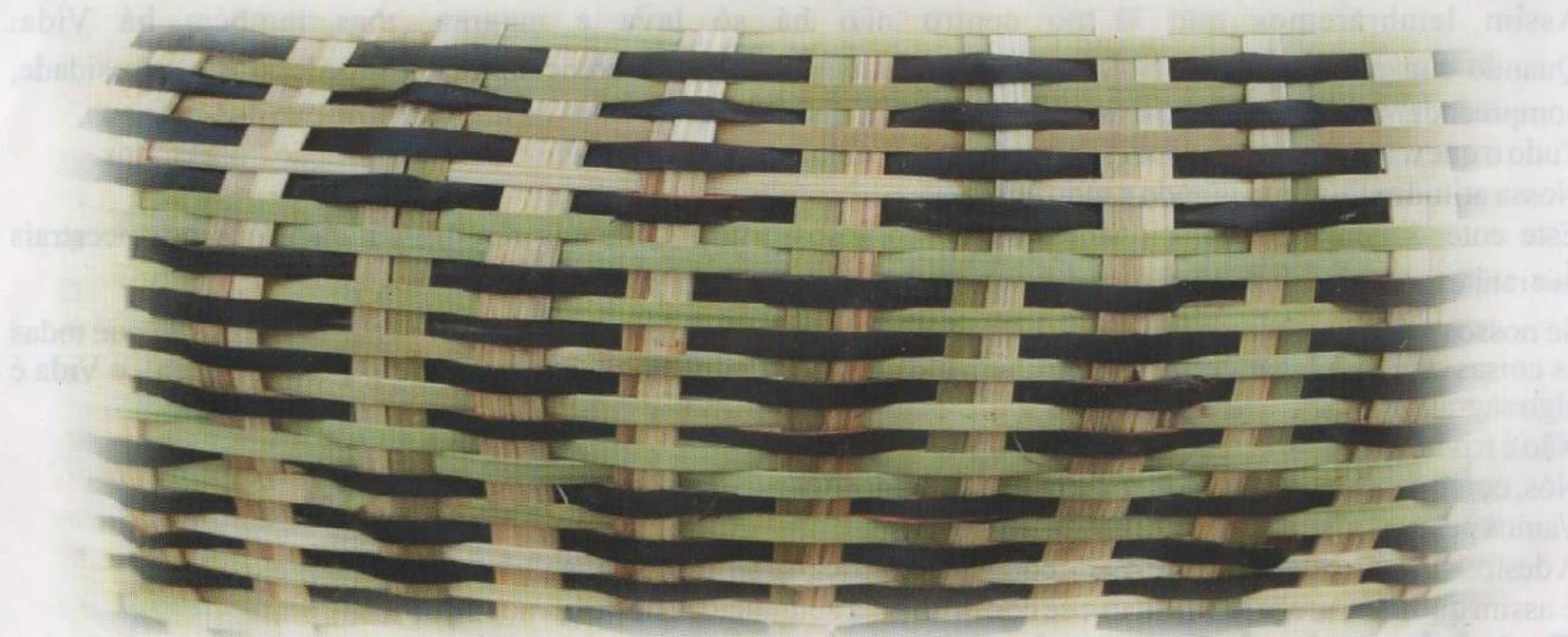
A destruição que estamos tratando de conter, simplifica-se através de numerosos e pequenos atos.

É assim que a Natureza se mantém e se constrói: pela acumulação de pequenos atos.

Patricia Solari-Cresyete



Yomyi



Tatu pé cué

*Yvy marã'y
a terra sem males*

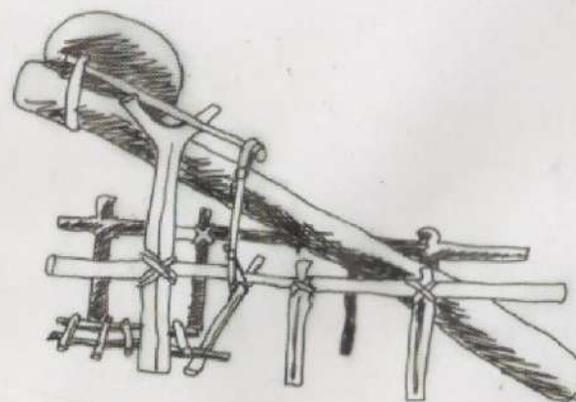
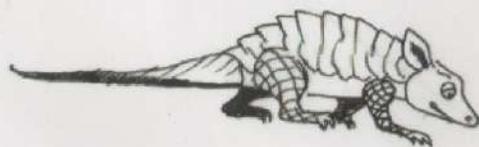


Numa parte do Tronco Tupi nucleado no rio Araguaya formou-se o grupo Proto-apiac e desde o mesmo lugar, uma parte do mesmo tronco movia-se para o sul e sul este formando o grupo Proto-guarani

Estes despraçamentos parciais indicam determinadas zonas ou território como núcleos demográficos: zona Paraitiva, Rio Grande, zona Litorânea Atlântica Central, zona norte do rio São Francisco, zona Madeira Tapajoz superior, zona do Paraguai oriental, Rio Grande do Sul e Paraná.

Os movimentos promovidos pelos incidentes históricos da conquista espano-lusitana, condicionaram certas novas nucleações e também influenciaram na formação de grupos etnoculturais tupi. Segundo os afluentes do rio Paranyba, rio Grande e rio Pardo, rio Tiete...

Susnik 5 – 71



A expansão litorânea do século XVI foi frustrada pelos tupinambás, contra os quais portugueses e tupiniquins aliados guerreavam (Shadem-1946) Pelo rio Grande ou rio Pardo deslocaram-se os Tamoyos do mesmo Tronco Tupi, sendo os primeiros que ocuparam o litoral do Rio de Janeiro.

No entanto, foram desapropriados pelos Tupinambás que se apoderaram da costa e do interior, até que os portugueses reconquistaram o Rio de Janeiro...

Os Tupi Guaranis nunca se aventuraram a conquistar o mar, mas aproveitaram otimamente concheiros (sambaquis) e pesca marinha. Muitas aldeias mudaram-se, de tempo em tempo, para o litoral.

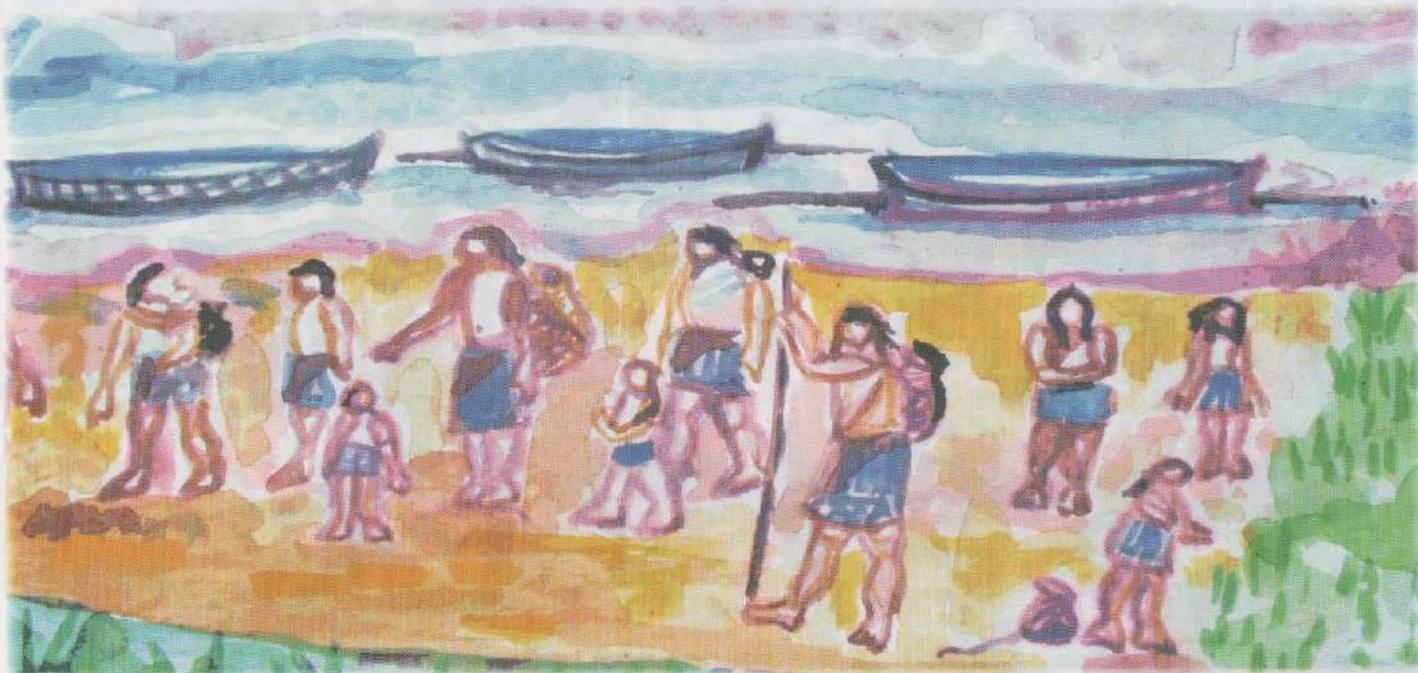


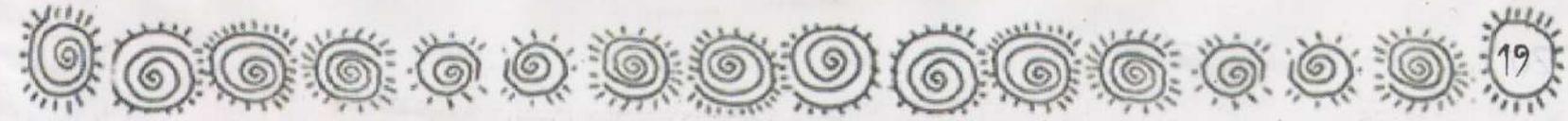
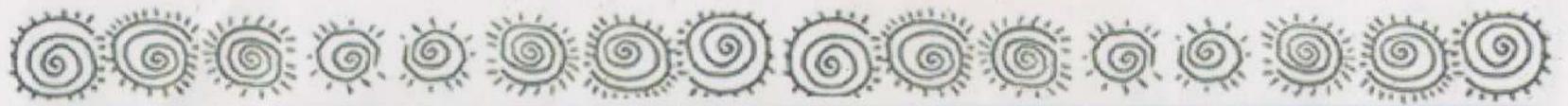
Muitos sambaquis naturais mostram restos de cozinha com típicos fragmentos cerâmicos. Os recursos litorâneos, como a pesca, influenciou superficialmente no seu interesse pela caça.

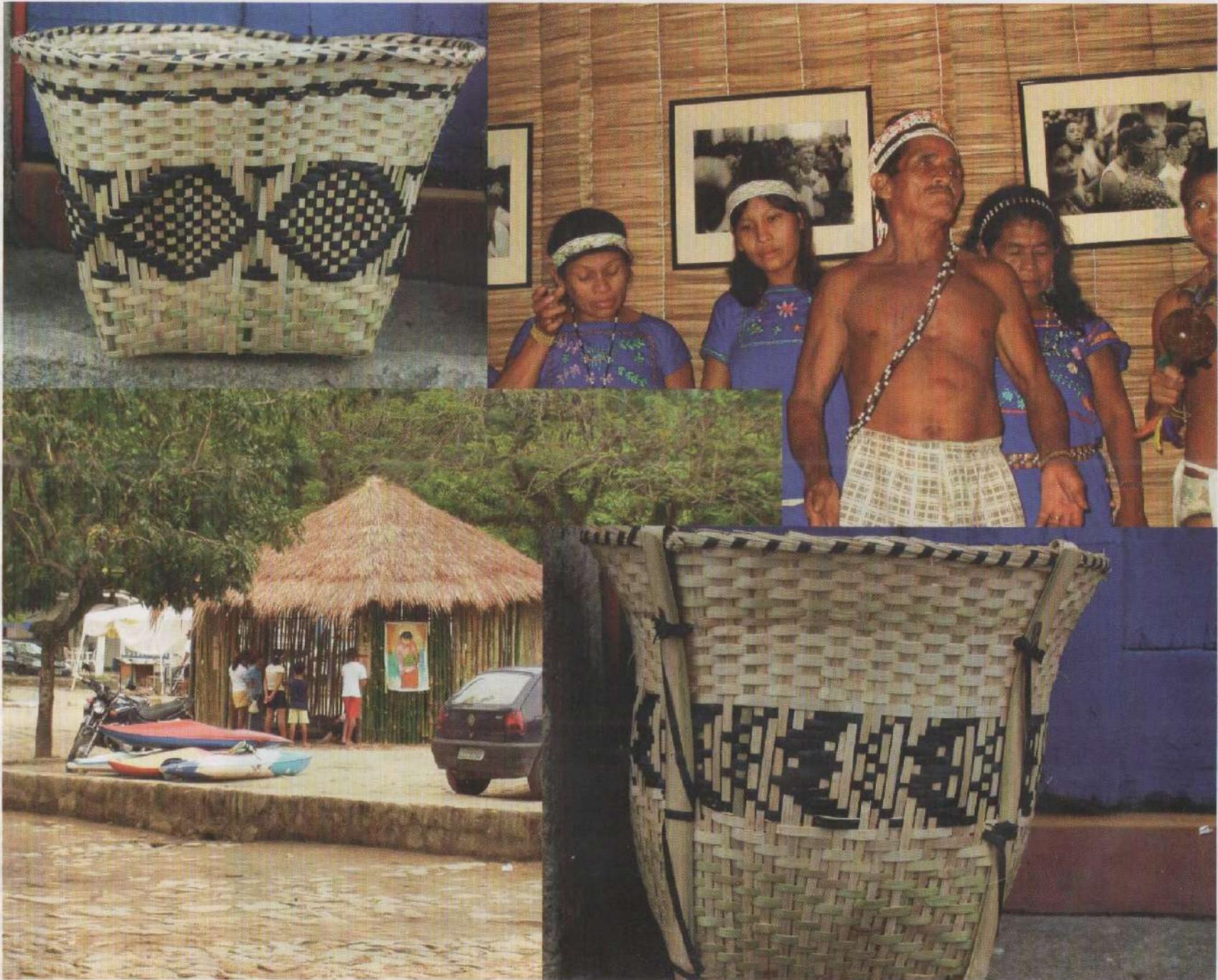
Quando os portugueses reconquistaram o Rio de Janeiro em poder dos franceses, submeteram os Tamoios e os Tupinambás sobreviventes do massacre, com ajuda do chefe Japiguaçu, a saírem em retirada migratória a procura de terras sem brancos (Susnik-1969).

Na procura de um solo para poder viver em paz a sua autêntica forma de ser, os guaranis podem ter cristalizado tanto suas antigas aspirações religiosas, como a consciência dos novos conflitos históricos,

Cronica da Missão dos padres da Cia de Jesus.







Cosmogonia guarani

A via láctea e um conjunto de estrelas visíveis no Cone Sul da América. É para os Mbya Guarani o caminho da anta. Mborebi é o animal do começo dos tempos.

Para os Mbya que apreciam sua carne como alimento, esta associado a Tupã o Deus da Tormenta. Eles contam que Tupã fez um saco de alimento para que Mborebi não devorasse gente. As Pléyades são o caminho da anta Morebi-tape.



Tapé avirú

O Caminho Sagrado dos guaranis

“Os europeus pouco conheciam da mata que crescia para além da faixa litorânea.

A floresta os assustava terrivelmente, por isso para conseguir alimento passaram a depender inteiramente dos índios. Com eles trocavam anzóis, facas e outras mercadorias, por peixe, caça e mandioca. Roupas feitas de peles e túnicas de algodão.

Desde o coração da mata ou desde a desembocadura do rio Amazonas, os índios Tupi-gurarani marcharam para o sul Sempre na direção do rio, em grandes canoas que iam a deriva, levadas pela corrente dos rios, em procura da “terra sem males”. “Esta terra tinha sido revelada como uma terra sem doenças, onde podia-se viver com felicidade.

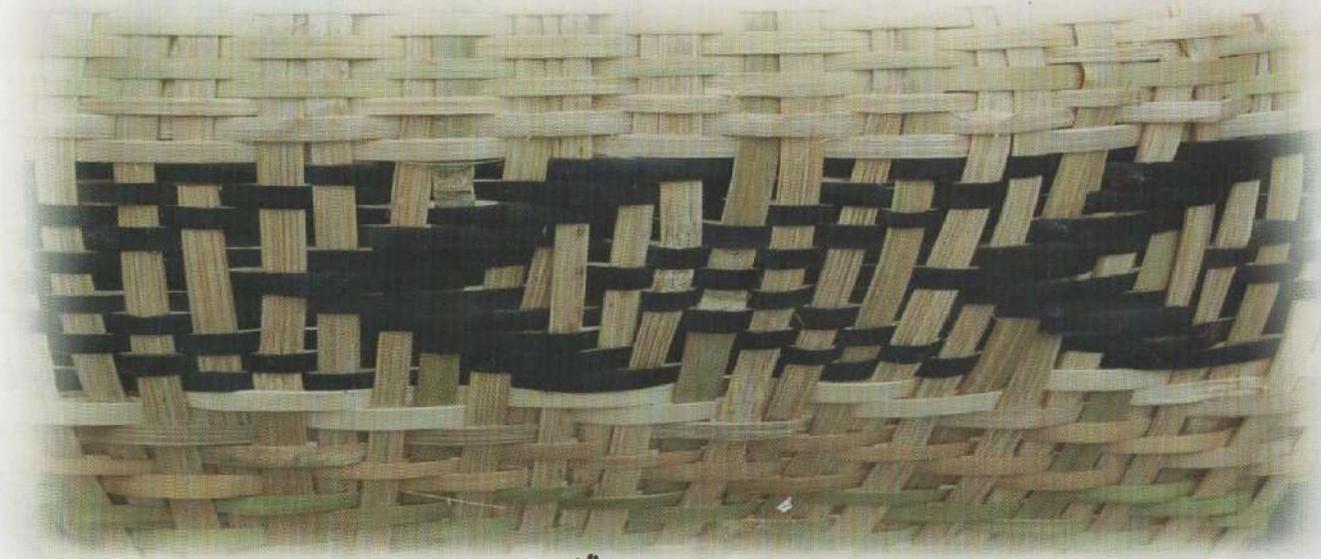


Saltó



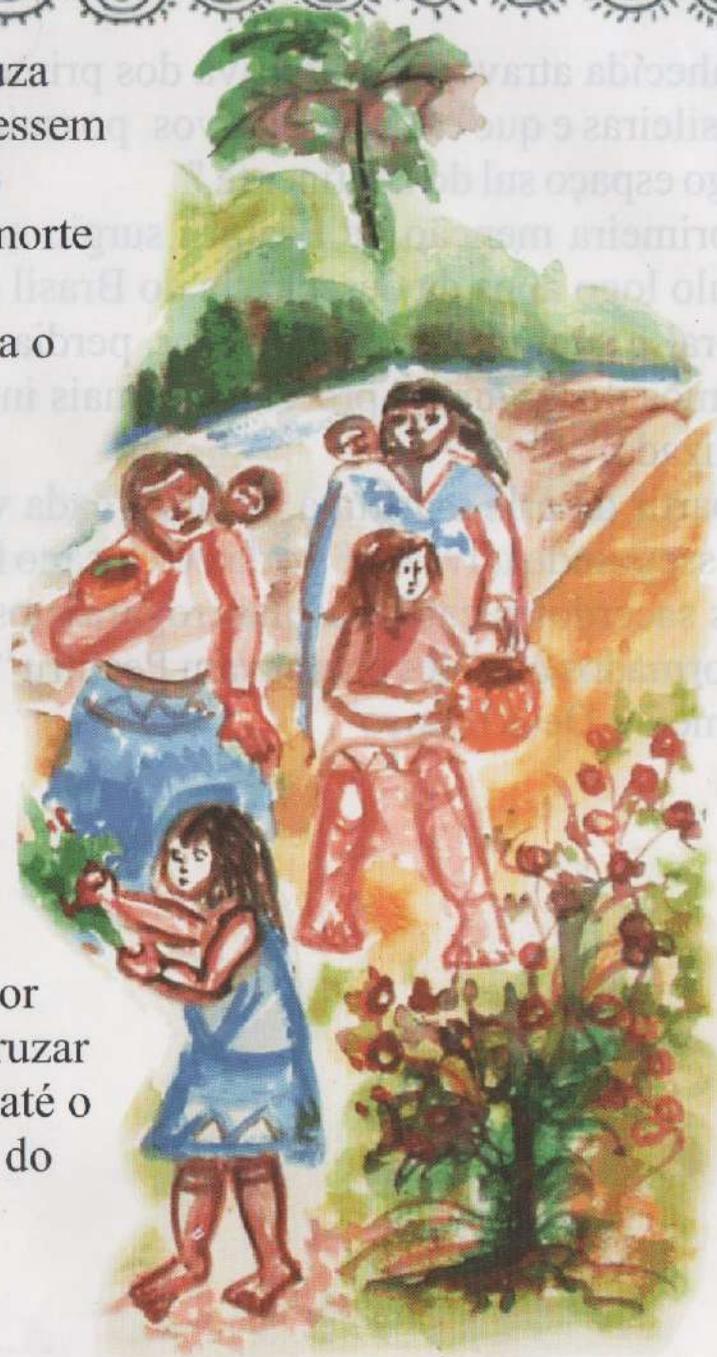
Procurando este paraíso, detiam-se ali onde achavam boa terra e levantavam suas aldeias, Tekoás, sempre rodeadas de empalizadas e começavam a caçar, pescar e trabalhar os cultivos, sobre tudo de mandioca, milho, batata doce, abóbora, amendoim, feijão e tabaco para suas cerimônias.

Limpavam a floresta, queimavam uma porção para fazer a roça e depois de no máximo cinco anos a terra se considerava cansada. Então os Guarani embarcavam novamente sempre levado para o sul pela correnteza dos rios cada vez mais caudalosos em procura do paraíso que sonhavam. “Quando os europeus chegaram, a viagem através da floresta constituía uma habilidade dos silvícolas, pelo que devem ter existido uma grande via terrestre de interligação do país,



Mhacariná pará

Em 1553, Martim Afonso de Souza temeroso de que os espanhóis viessem a ocupar São Vicente vindos pelo Peabiru, proibiu, baixo pena de morte o uso da estrada também para os jesuítas que desejavam partir para o Paraguai, com a intenção de evangelizar os nativos aquela região, bem como protegê-los da escravidão a que eram submetidos pelos castelhanos."Pelas descrições históricas, o caminho passava pela atual cidade de São Paulo, Sorocaba, Botucatu, Tibagi, Ivaí, Piqueri e ali bifurcava-se indo um dos ramos pra Iguaçu ao sul onde o ponto que o rio recebe , por sua vez o Santo Antônio. Após cruzar o rio, seguia quase em linha reta até o local onde foi edificada a capital do Paraguai, Assunção" Culturas indígenas do Brasil





conhecida através da narrativa dos primeiros europeus chegados às terras brasileiras e que entre os nativos possuía o nome de Peabiru e sulcava um largo espaço sul do continente."

A primeira menção de Peabiru surgiu em São Vicente no estado de São Paulo logo após da descoberta do Brasil e que aquela estrada, partindo do litoral e subindo a Serra do mar, perdia-se nas alturas, com mais de oito palmos de largura. Apresentava sinais inequívocos de que era largamente utilizada.

A partir da orla marítima, seguida cada vez mais para o interior do país e prosseguindo talvez até a orla do Oceano Pacífico."

"Os sacerdotes católicos interrogaram os nativos sobre aquela via, sendo informados que eles chamavam Peabiru "o caminho" e fora aberto pelo pai Sume, "o Deus branco".

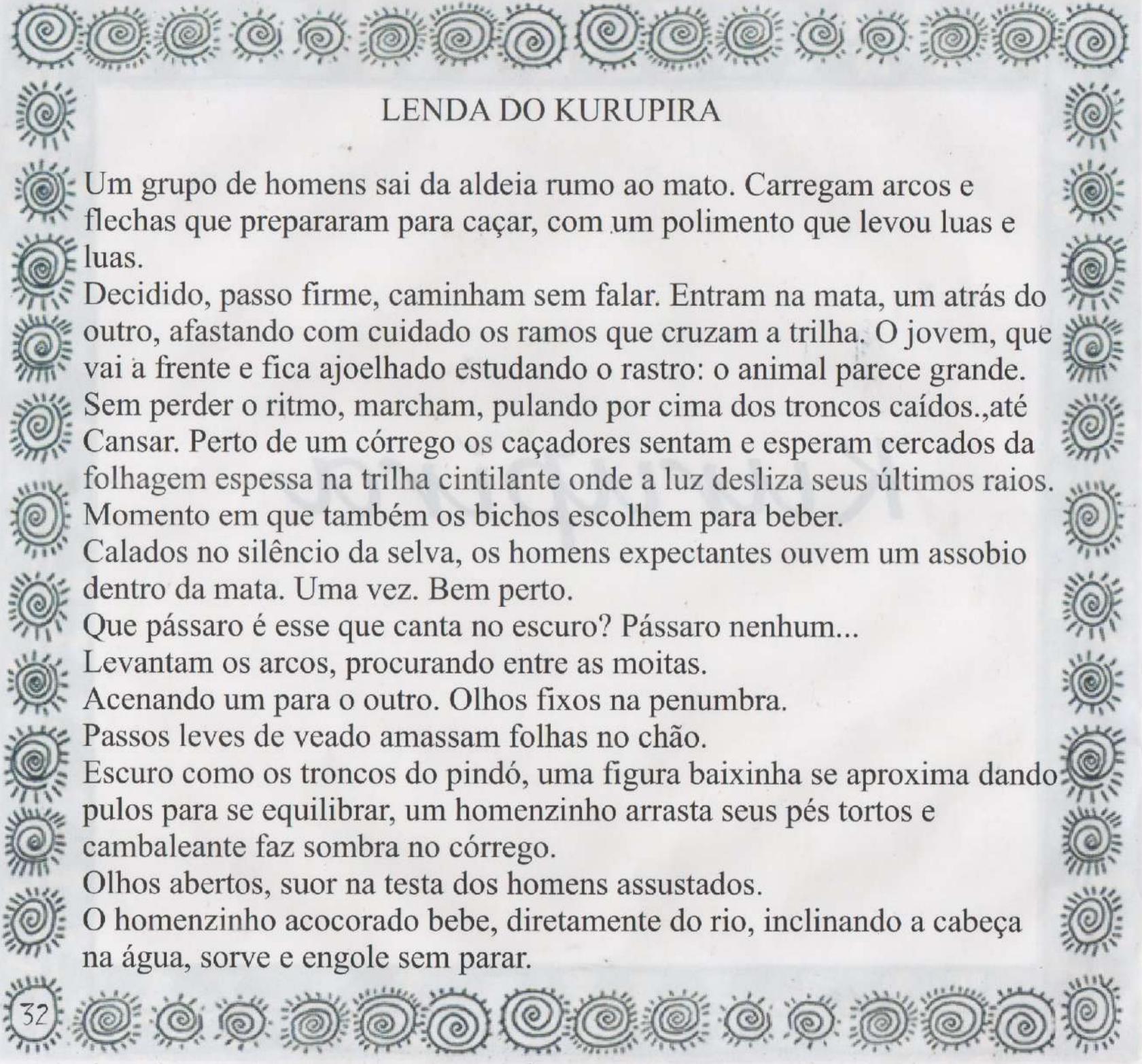






LENDA DO KURUPIRA

Kurupira



LENDA DO KURUPIRA

Um grupo de homens sai da aldeia rumo ao mato. Carregam arcos e flechas que prepararam para caçar, com um polimento que levou luas e luas.

Decidido, passo firme, caminham sem falar. Entram na mata, um atrás do outro, afastando com cuidado os ramos que cruzam a trilha. O jovem, que vai à frente e fica ajoelhado estudando o rastro: o animal parece grande.

Sem perder o ritmo, marcham, pulando por cima dos troncos caídos., até Cansar. Perto de um córrego os caçadores sentam e esperam cercados da folhagem espessa na trilha cintilante onde a luz desliza seus últimos raios.

Momento em que também os bichos escolhem para beber.

Calados no silêncio da selva, os homens expectantes ouvem um assobio dentro da mata. Uma vez. Bem perto.

Que pássaro é esse que canta no escuro? Pássaro nenhum...

Levantam os arcos, procurando entre as moitas.

Acenando um para o outro. Olhos fixos na penumbra.

Passos leves de veado amassam folhas no chão.

Escuro como os troncos do pindó, uma figura baixinha se aproxima dando pulos para se equilibrar, um homenzinho arrasta seus pés tortos e cambaleante faz sombra no córrego.

Olhos abertos, suor na testa dos homens assustados.

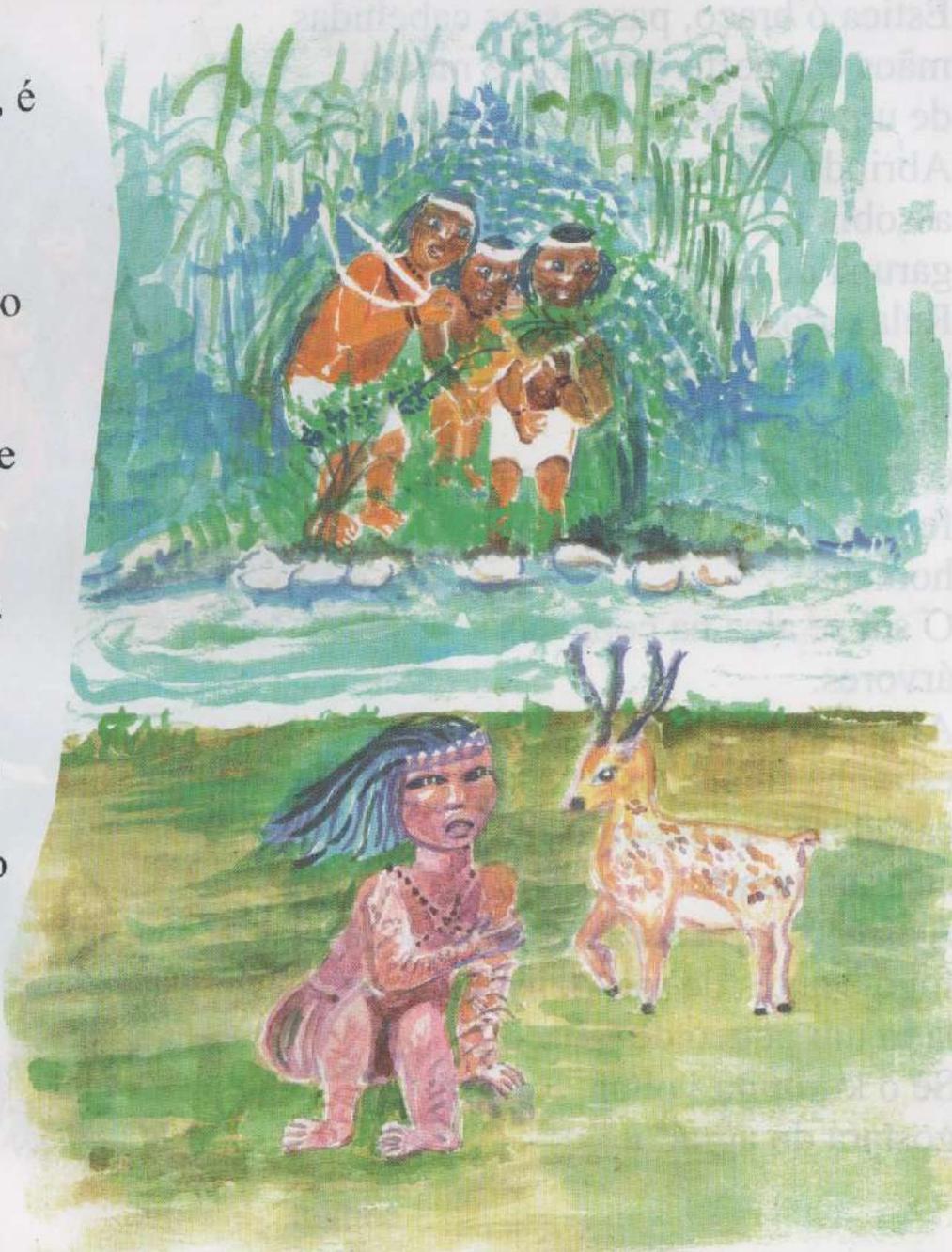
O homenzinho acorado bebe, diretamente do rio, inclinando a cabeça na água, sorve e engole sem parar.

Depôs daquela
respiração afobada, é
como um ronco
desafiante.

Frio vento na pele
desnuda. Parece não
ter fim.

Do outro lado o
veado também bebe
água fresca. Um
galho ressecado
estala, arrepiado os
homens no
esconderijo.

O Kurupira gira os
pés e como as
corujas, enxerga no
escuro seu
parceiro.



Estica o braço, passa suas cabeludas
mãos em gesto delicado e monta
de um pulo, no manso animal.
Abrindo passo no mato escuro,
assobia feliz galopando na
garupa da noite.
Relaxados os braços, soltam
o arco e as flechas.
Suspirando e sem
comentários preparam uma
fogueira para aquecer, os
homens.
O sol se alça na copa das
árvores.
Ainda lembrando da
estranha figura, os
caçadores levantam o
acampamento.
Arrimam terra seca encima do
fogo e antes de sair deixa de
lado um pouco de tabaco.
Se o kurupira voltar
gostará do agrado



*A corda que unia o
céu e a terra*



Todos na aldeia sabiam.

Os mais velhos falaram para os mais novos, em rodas à luz da fogueira:

-antigamente, a terra e o céu estavam unidos. Quem queria ir pra o céu, andava pelas matas, ate achar uma corda que dava pra subir. Naquele tempo havia gente como nós, e gente das estrelas.

Os homens moravam embaixo da terra. Suas ocas eram cavernas escuras, e ninguém podia andar la fora, só depois que a fumaça acabou. Aí sim alguns homens saíram à luz.

A terra era então mais clara, tinha muita luz e era mais verde. Quem queria caçar os melhores bichos, usando a corda de caraguata, não precisava de arco e flecha





O céu , cheio de estrelas era de cor azul cinzento e os animais eram mansos.

Lá existia todo tipo de caça, e mel.

Assim era uma vida farta e feliz. A única lei era: mulheres não poderiam conhecer o segredo. Só homens.

Aproveitando uma manhã, depois de uma noite de muita festa, em que todos os homens estavam ainda embriagados pelo cauim, as mulheres decidiram ir pra ver. Querendo saber como era lá, no alto, entraram na mata, com cestas na cabeça. Mandaram as crianças na frente, e uma a uma foram subindo, rindo e falando e atrás as mulheres.



Mas, um homem papagaio ouviu as crianças, e começou a dar alerta para os outros papagaios. Todos estavam com muita raiva da falação. Com a força de seus bicos afiados, roeram a corda que com o peso das mulheres a corda arrebentou-se.

Do céu as mulheres começaram a cair com forma de bichos: era paca, tatu, cutia, veado e tudo mais.

Quando a corda se arrebentou as pessoas que estavam caçando lá encima, já não conseguiram voltar. Ficaram lá para sempre, convertidas em estrelas.



A parte funda da terra, ficou para morada dos mortos, onde só os pajés podem entrar.

Quando ofarto mundo da caça acabou, os homens tiveram que procurar outros fontes de alimento. Um dia houve uma grande seca, e o alimento faltou.

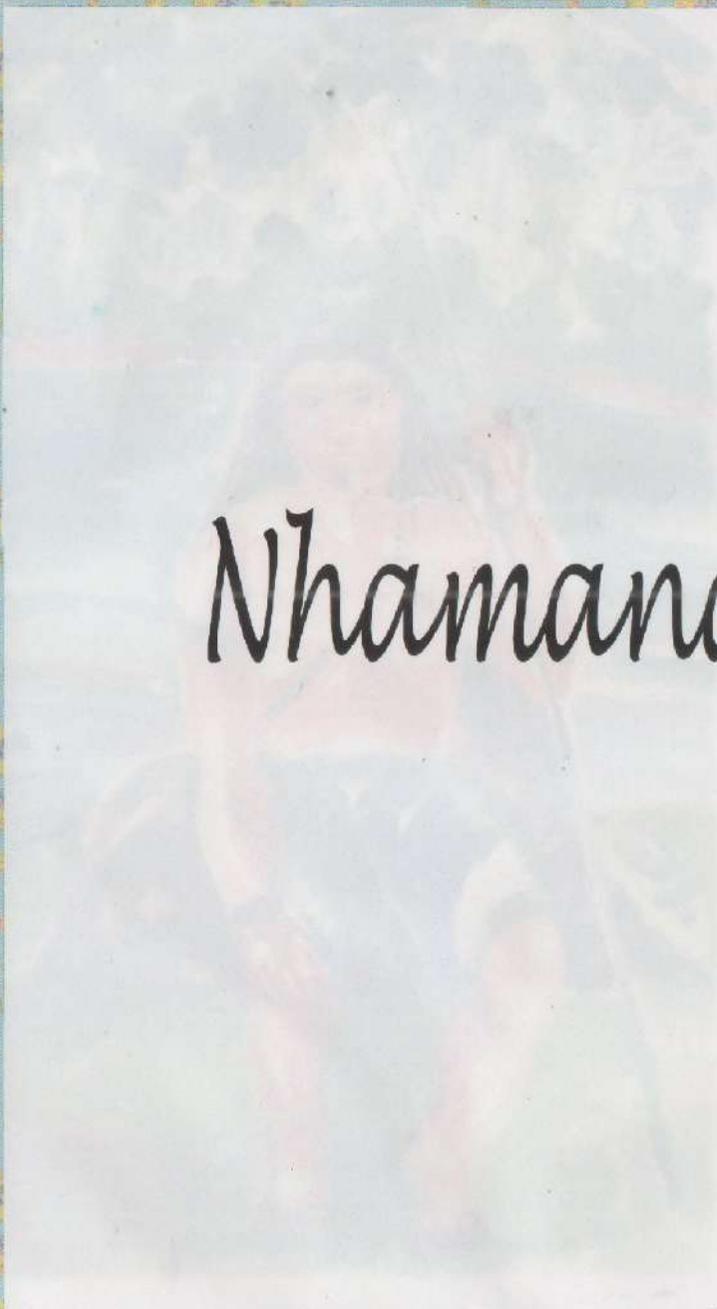
Depois uma grande chuva, e uma enchente onde muita gente antiga morreu. Por fim o céu se fechou. Os homens, as mulheres e as crianças começaram a colher mandioca silvestre, frutos do mato, sementes para se alimentar. Para matar algum bicho andavam dias e dias. Tudo era mais difícil.



A terra ficou assim
para os homens de
aquele tempo, como
uma cabaça cortada no
meio *yvy tenondé*
segurada por cinco
palmeiras *pindo viyu*.
De suas folhas
penduradas, as
estrelas.

E na parte do centro da
terra estão as grandes
águas *Yguaçu-*, nas
quais moram pequenos
homens índios que
sabem toda esta
história.





Nhamandu ru-eté

Nhamandú ru eté

O nosso pai ancestral se manifestou
no meio da escuridão .

Nascido do orvalho, com a leveza
de um beija flor .

Pelo poder de sua sabedoria
criadora.

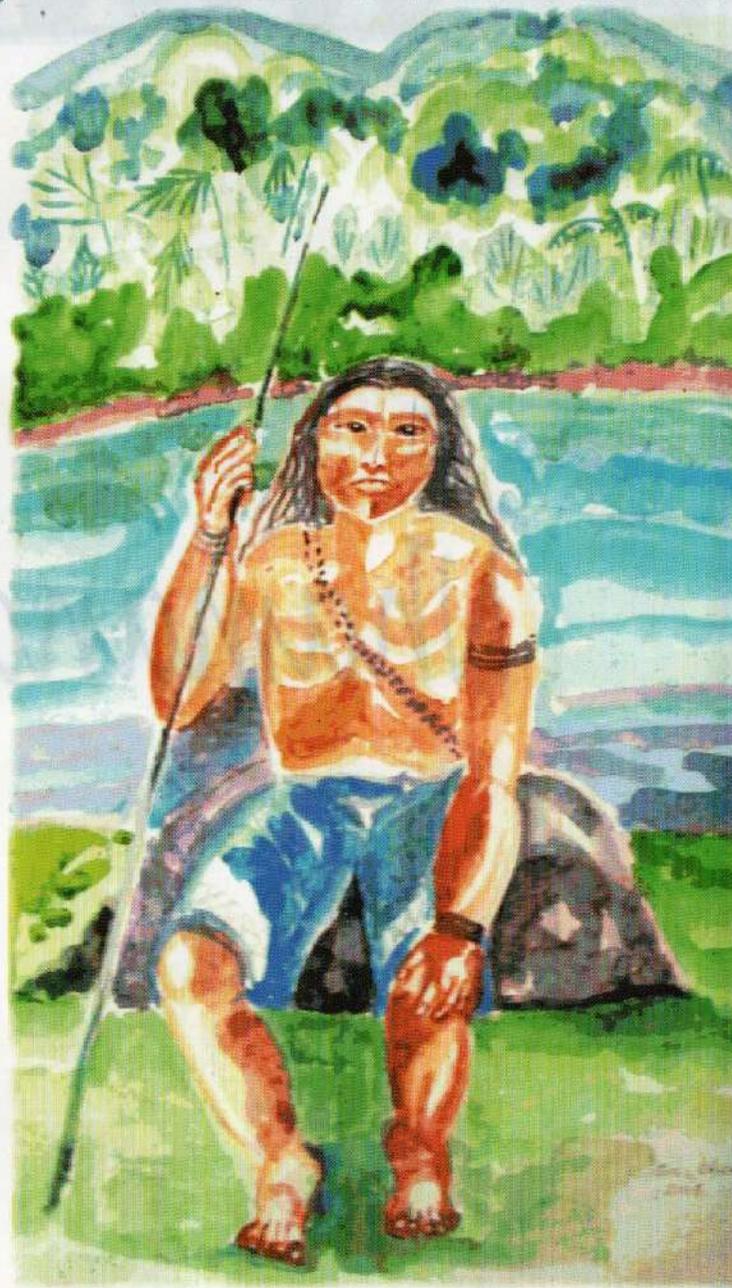
Pelo domínio das potencias
transformadoras, fez com que todas
as coisas se manifestassem.

Fez o brilho resplandecente do
fogo, quando preparamos a terra
para plantar .

Fez a névoa azul do tabaco que nos
protege das doenças e do mal.

Ele originou a palavra com alma e o
amor ao próximo que mantêm as
aldeias reunidas,

E também originou os cânticos
sagrados, que dão vitalidade aos
guerreiros na dança *YEROKY*.



Depois ele deu lugar as quatro manifestações os homens de coragem donos da natureza e dos fenômenos *KARAI RU ETE* Do leste chamado *TATAENDY APUYA* dono do som do crepitar do fogo e do trovão.

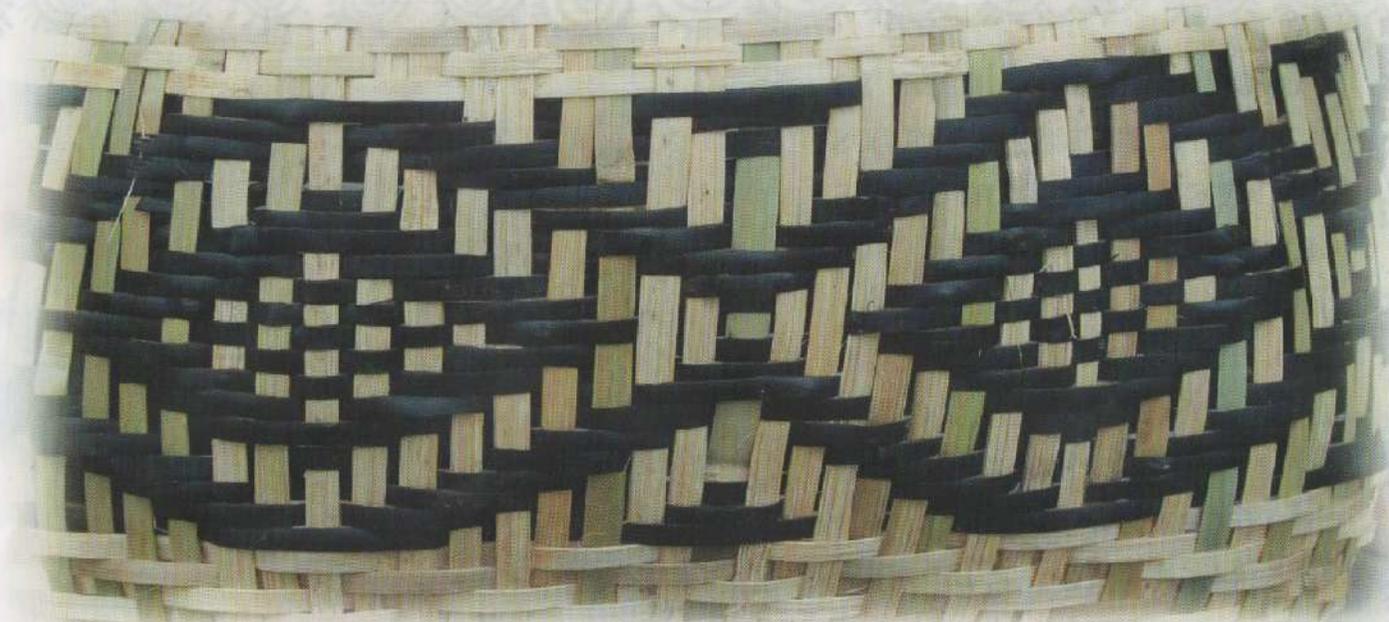
YAKAIRÁ RU ETE foi para o norte também chamado *TATACHINAYÁ* o dono da névoa que se forma na primavera. *TUPÁ RU-ETE* do oeste o dono da chuva, do granizo, e das sementeiras, e por fim

TUPÁ MIRI habitantes da terra primeira que já subiram ao mundo celestial onde vão os homens valentes.

Estes são os donos *IYA* das estações do ano e do crescimento das plantas. Atribuem-se a eles a paternidade das almas dos homens.

Este mundo também possui os pais e as mães das almas *NHEENG RU ETE* e *NHEENG CHYETE* lugar onde todos voltam.



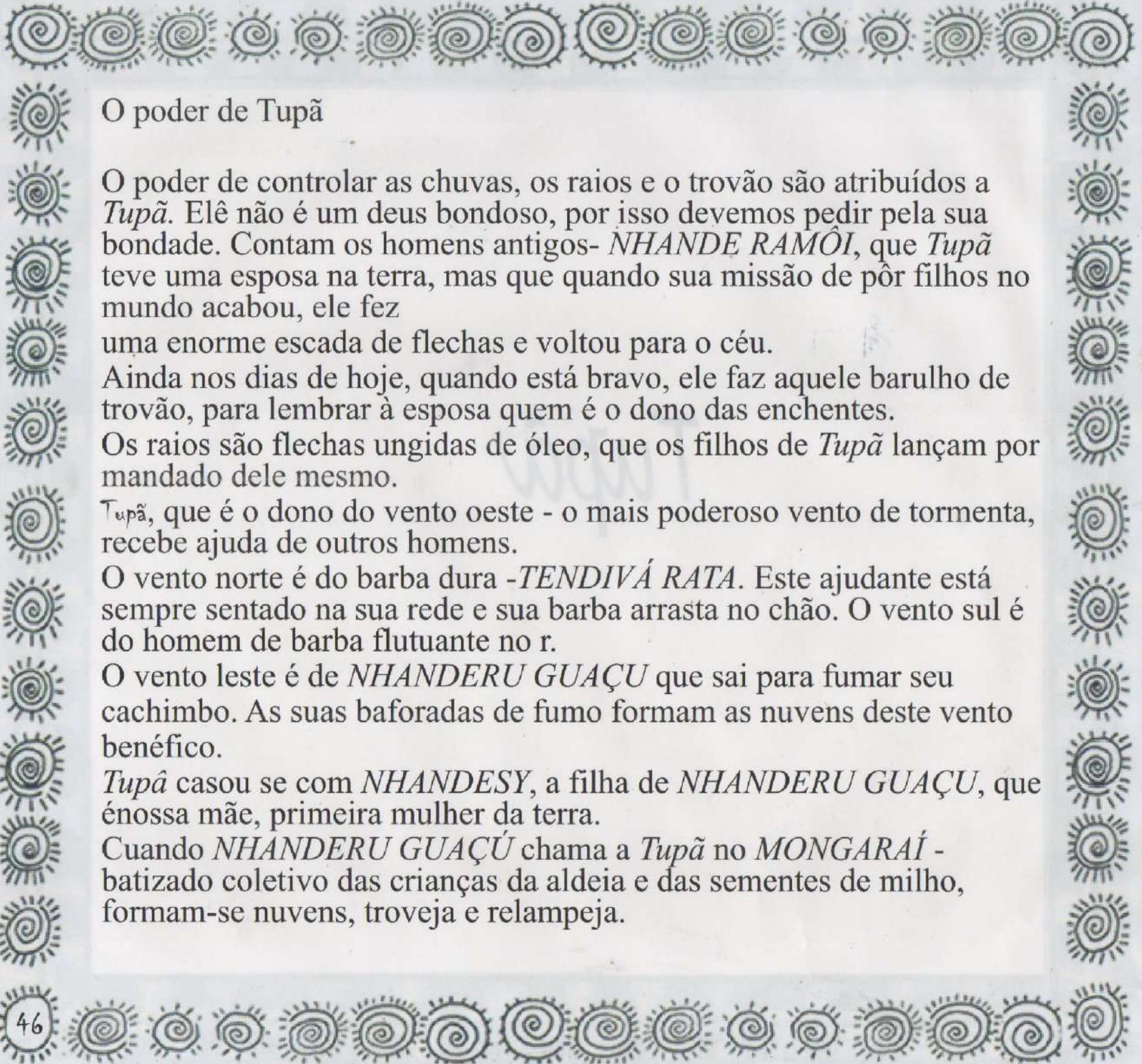


Teju pará



Jasy ara pytu-i

Tupã



O poder de Tupã

O poder de controlar as chuvas, os raios e o trovão são atribuídos a *Tupã*. Elê não é um deus bondoso, por isso devemos pedir pela sua bondade. Contam os homens antigos- *NHANDE RAMÓI*, que *Tupã* teve uma esposa na terra, mas que quando sua missão de pôr filhos no mundo acabou, ele fez

uma enorme escada de flechas e voltou para o céu.

Ainda nos dias de hoje, quando está bravo, ele faz aquele barulho de trovão, para lembrar à esposa quem é o dono das enchentes.

Os raios são flechas unguidas de óleo, que os filhos de *Tupã* lançam por mandado dele mesmo.

Tupã, que é o dono do vento oeste - o mais poderoso vento de tormenta, recebe ajuda de outros homens.

O vento norte é do barba dura - *TENDIVÁ RATA*. Este ajudante está sempre sentado na sua rede e sua barba arrasta no chão. O vento sul é do homem de barba flutuante no r.

O vento leste é de *NHANDERU GUAÇU* que sai para fumar seu cachimbo. As suas baforadas de fumo formam as nuvens deste vento benéfico.

Tupã casou se com *NHANDESY*, a filha de *NHANDERU GUAÇU*, que é nossa mãe, primeira mulher da terra.

Cuando *NHANDERU GUAÇU* chama a *Tupã* no *MONGARAI* - batizado coletivo das crianças da aldeia e das sementes de milho, formam-se nuvens, troveja e relampeja.



*Kunumi ambojegua
Kunumi poty ambojegua
Kunumi ambojegua
Kunumi ku'akuaha ambojegua
Kunumi ambojegua
Kunumi ñe'e ambojegua
Kunumi ambojegua
Kunumi jeropapa ambojegua
Kunumi ambojegua
Kunumi aupeguáko ore
Kunumi(a) jasuka marane'y
Aupeguáko ore
Kunumi aupeguáko ore
He'i Ñengaju
Kunumi mba'ekuaa marane'y
Aupeguáko ore
Kunumi aupeguáko ore
He'i Ñengaju
Kunumi(a) jeguaka marane'y
Aupeguáko ore
Kunumi aupeguáko ore
He'i Ñengaju*

*Eu adorno o menino
Adorno a flor do menino
Eu adorno o menino
Adorno o cinto do menino
Eu adorno o menino
Adorno a palavra do menino
Eu adorno o menino
Adorno o relato da história do menino
Eu adorno o menino
Nós somos os que cuidam da alma dos meninos
Somos os que cuidam da essência
Do jeito do bom proceder dos meninos
Nós somos os que cuidam da alma dos meninos
Assim diz Ñengaju
Somos os que cuidam do saber
Do bom proceder dos meninos
Somos os que cuidam da alma dos meninos
Assim diz Ñengaju
Somos os que cuidam da diadema
Do bom proceder dos meninos
Somos os que cuidam da alma dos meninos
Assim disse Ñengaju.*

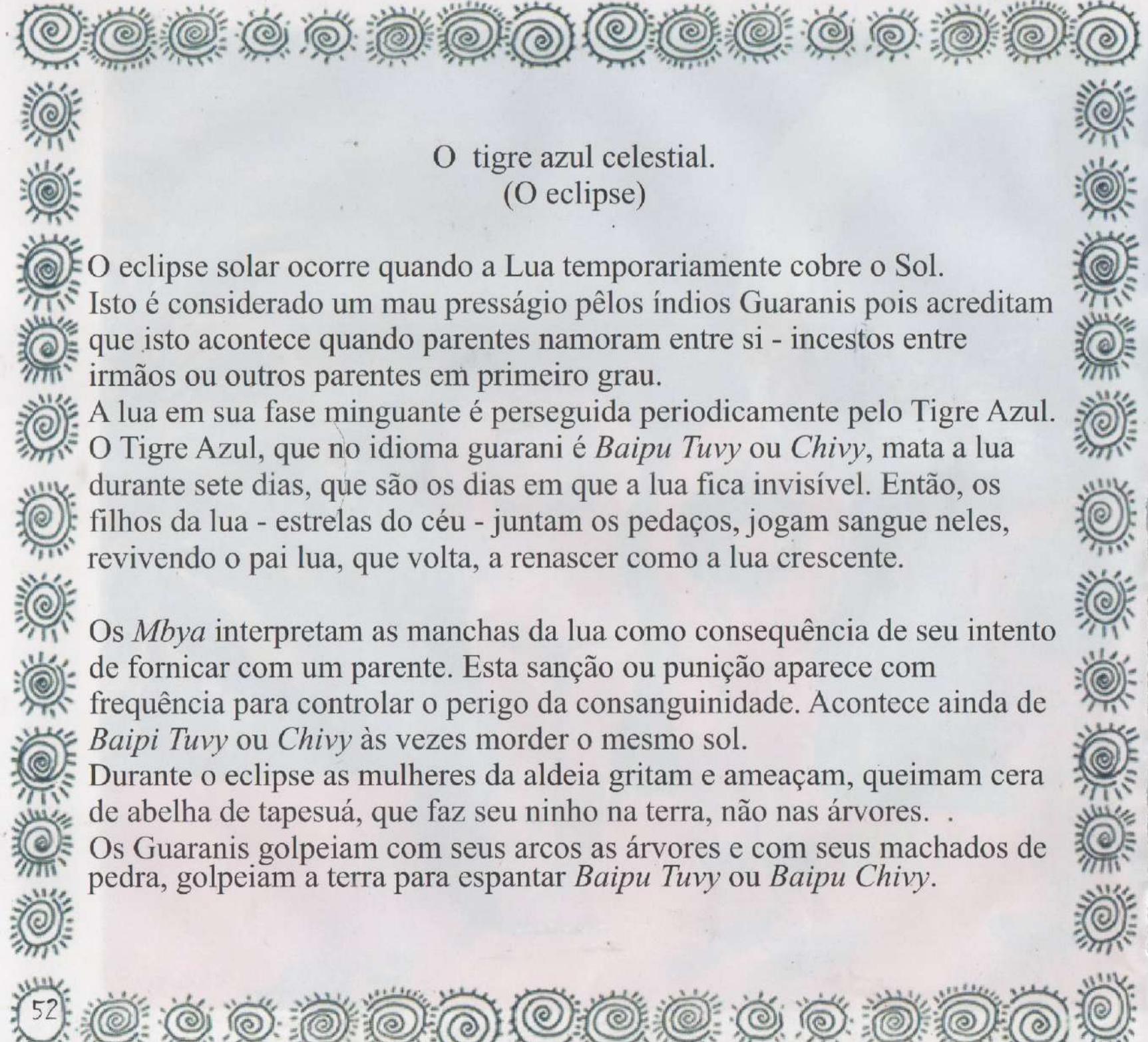
(Chamorro, 1995)

60 Cadernos Cedes, ano XXII, no 56, Abril/2002



O eclipse





O tigre azul celestial.
(O eclipse)

O eclipse solar ocorre quando a Lua temporariamente cobre o Sol. Isto é considerado um mau presságio pelos índios Guaranis pois acreditam que isto acontece quando parentes namoram entre si - incestos entre irmãos ou outros parentes em primeiro grau.

A lua em sua fase minguante é perseguida periodicamente pelo Tigre Azul. O Tigre Azul, que no idioma guarani é *Baipu Tuvy* ou *Chivy*, mata a lua durante sete dias, que são os dias em que a lua fica invisível. Então, os filhos da lua - estrelas do céu - juntam os pedaços, jogam sangue neles, revivendo o pai lua, que volta, a renascer como a lua crescente.

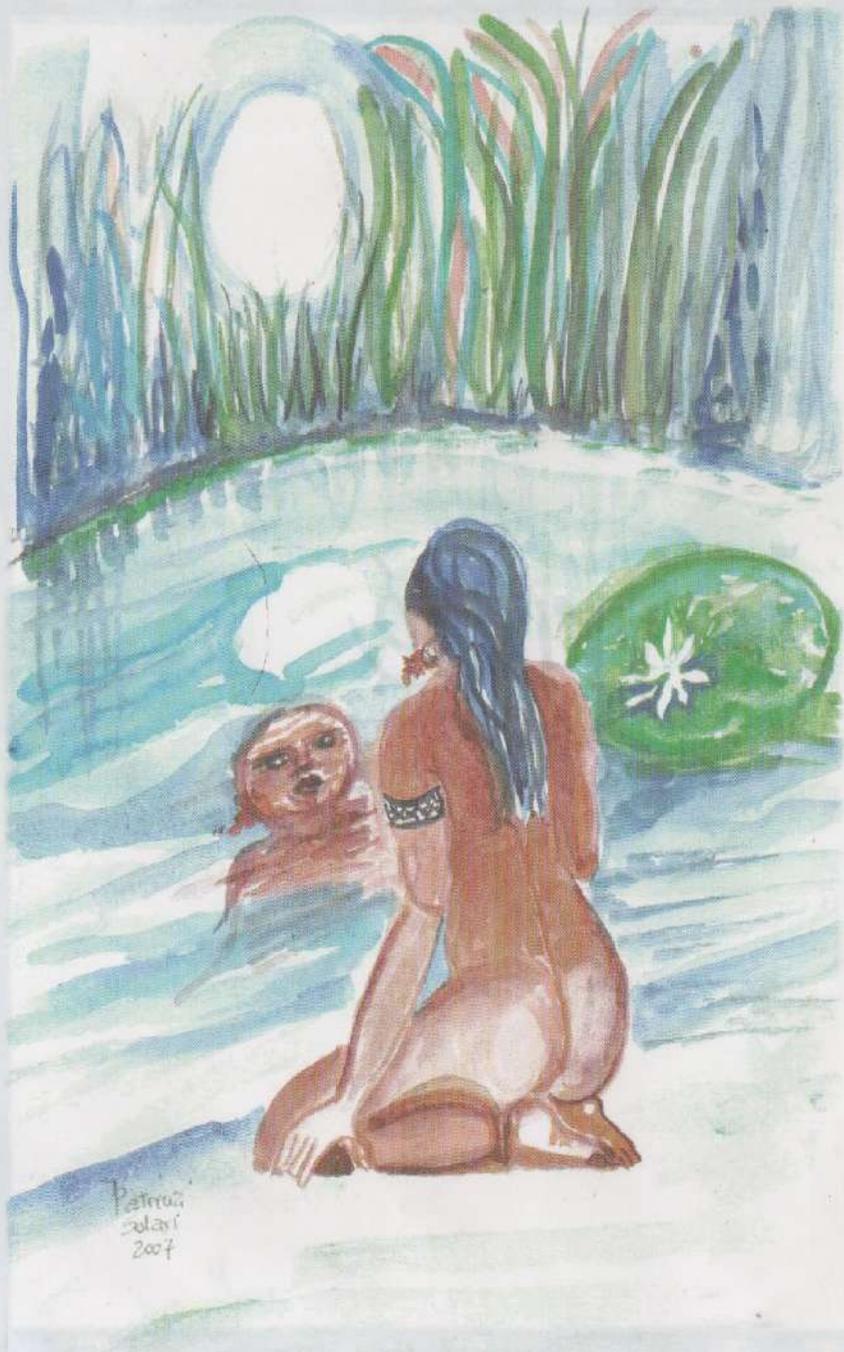
Os *Mbya* interpretam as manchas da lua como consequência de seu intento de fornicar com um parente. Esta sanção ou punição aparece com frequência para controlar o perigo da consanguinidade. Acontece ainda de *Baipi Tuvy* ou *Chivy* às vezes morder o mesmo sol.

Durante o eclipse as mulheres da aldeia gritam e ameaçam, queimam cera de abelha de tapesuá, que faz seu ninho na terra, não nas árvores.

Os Guaranis golpeiam com seus arcos as árvores e com seus machados de pedra, golpeiam a terra para espantar *Baipu Tuvy* ou *Baipu Chivy*.



Flor de yrupé



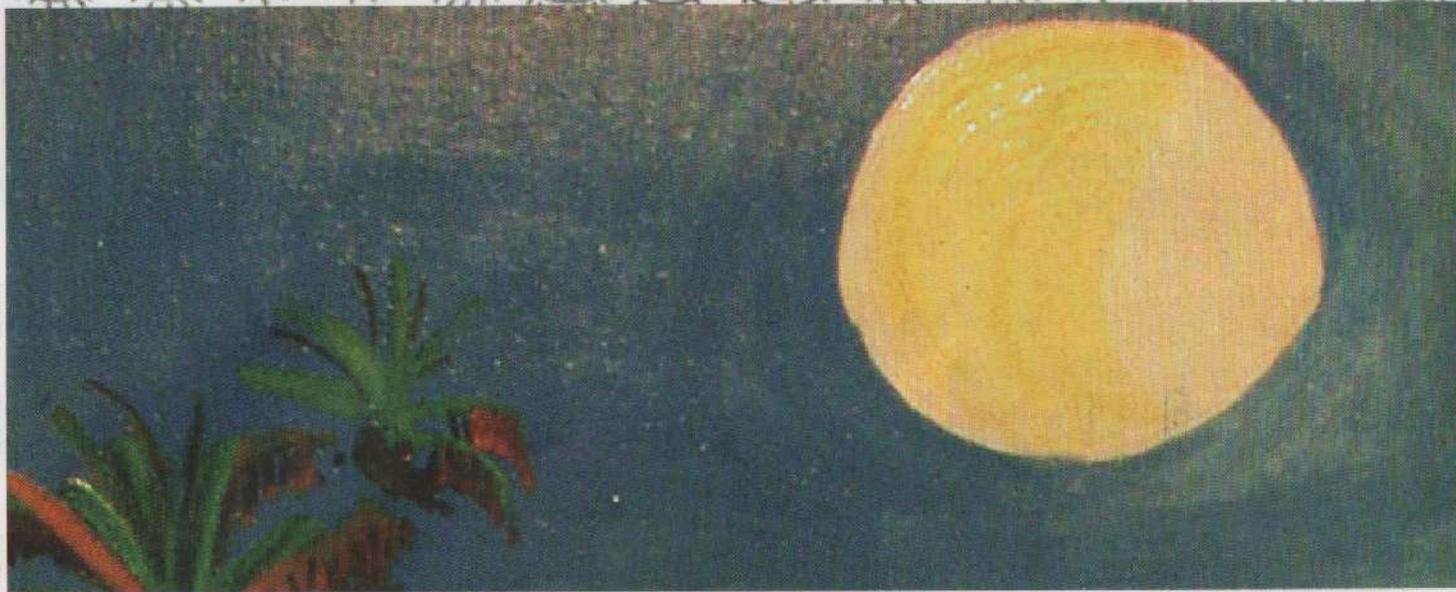
Uma bela donzela de sangue real, ágil e inteligente, apaixonou-se pela lua. Passava as noites de lua cheia olhando para seu amor lá no céu..

Olhava para a lua refletida nos córregos e nos rios.

Adorava-a, sentindo a sua luz nos olhos, na pele e no fundo da alma

Durante muito tempo tentou aproximar-se: subia nas árvores esticando os dedos para acariciá-la; no alto do morro, cantava lindas músicas para seu amor. Seus pés sangravam de tanto andar pelos ásperos caminhos.

E ficava triste quando a lua desaparecia sentindo que seu amor não era correspondido.



Era uma noite de luar. A aldeia parecia um campo de algodão branco e brilhante. Aquela noite as mulheres anciãs da tribo preparavam a festa com *Cauim*, de milho fermentado, flores de jasmim e ervas colhidas na meia noite, eram ofertadas para a colheita de milho dourado e branco. As danças *Yeroky* tocavam na casa de reza. Todos dançaram e cantaram até quando o amanhecer chegou, aí todos foram dormir. As redes brancas balançaram. A pequena indiazinha guarani pareceu ouvir uma voz que chegava das águas espumosas do rio. Espuma Branca. Sozinha vagou pelo terreiro na direção do rio e quando chegou à margem viu seu lindo rosto refletido junto a lua. Tremendo de uma estranha friagem, jogou-se no profundo leito. Faltou-lhe forças para voltar atrás e a correnteza carregou seu pequeno corpo. Todos os guaranis choravam a morte da menina.



Os pais deixaram o milho cozido e mel para que não passasse fome no caminho de *Kandeá*, o país do bem eterno.

Tupã com muita compaixão do sofrimento da jovem a transformou em *Yrupé*.

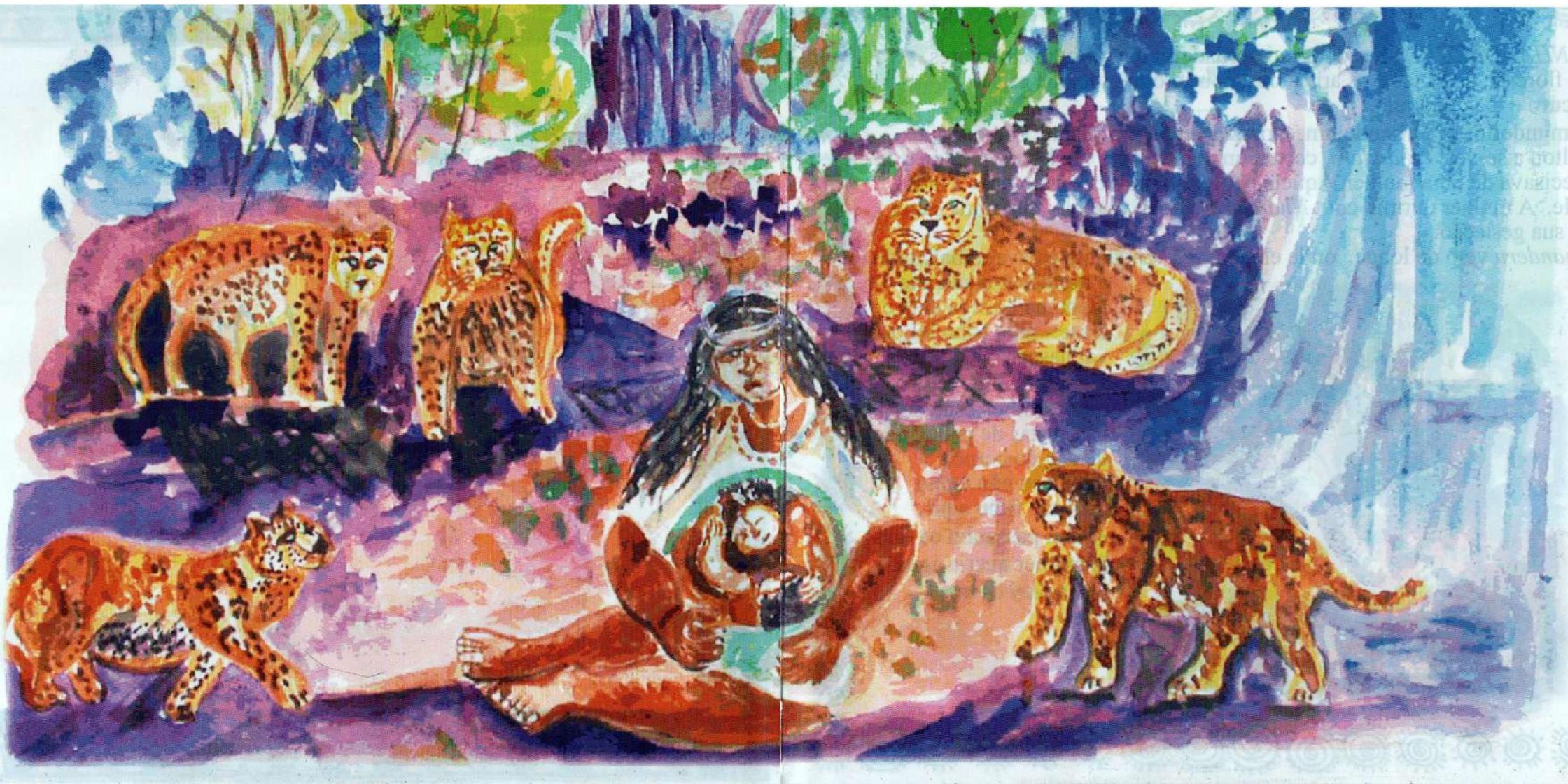
Agora com uma flor que olha sempre para o alto, em procura do amor da lua.

A flor de *Yrupé* *Victoria cruciana* é uma planta aquática que nasce das profundas águas do rio Paraguai e na Mesopotâmia Argentina. Com folhas enormes de até dois metros de diâmetro. A semente é comestível e é chamada de milho d'água.

Yrupé significa prato d'água.



A terra das onças



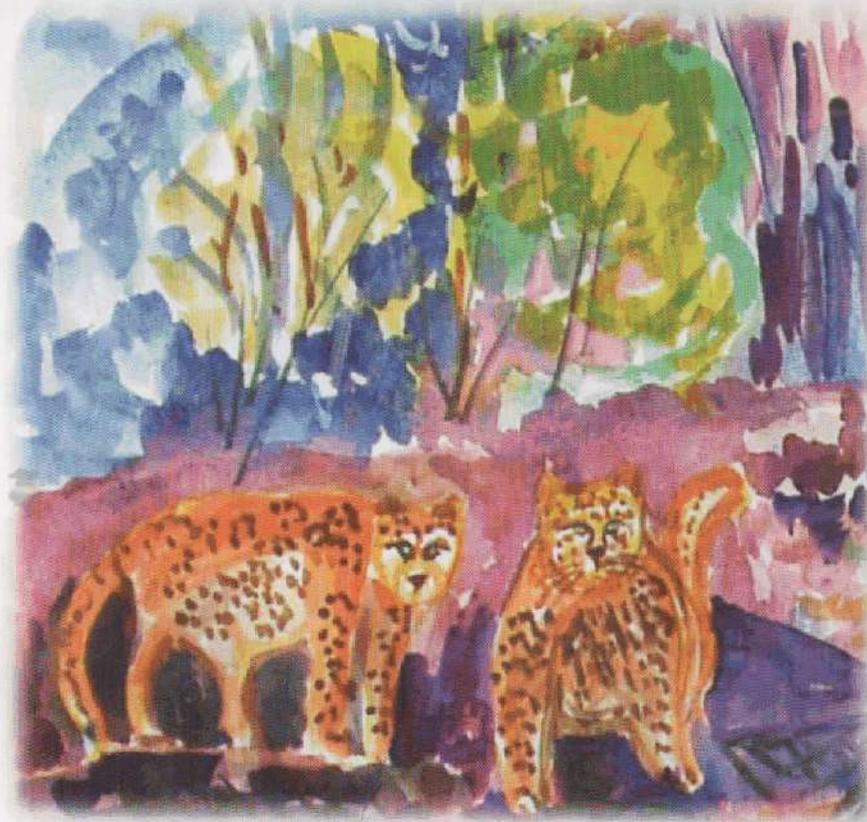
NHANDERUVUSU o deus pai verdadeiro deu origem às árvores da floresta, às frutas e os arbustos, e cobriu o mundo que estava escuro e era quadrado.

O mundo foi-se tornando uma floresta verde, e brilhante como jamais voltou a se-ver. *Nhanderu*, cortou um pedaço de pau de cedro falou que precisava de uma mulher. Aquele pau virou mulher e veio para o lado dele. A mulher durmiu com *Nhanderu* e ficou grávida, mas nada sabia da sua gestação.

Nhanderu veio de longe, onde ele morava. Enquanto estava trabalhando a mulher sentada ele tocou na barriga dela e disse:- meu filho logo vai nascer.

A mulher que pensava que os filhos estavam nas cestas de palha, não dentro do corpo, falou:-eu não tenho nenhum filho aqui.

Assim passaram os dias A mulher queria água, *Nhanderu* dava.



A mulher queria farinha , já estava pronta.

-Quem fez a farinha? Como foi que o senhor conseguiu?
Perguntava a mulher.

Fui eu, disse Nhanderu se você perguntar outra vez, eu vou embora.

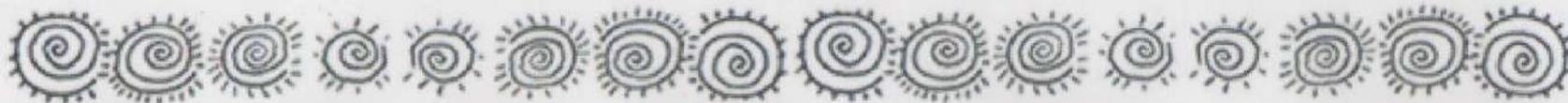
Nhanderú fazia roça. E a mulher insistia : - Quem fez a roça?

- Não pergunta mulher. Fica aqui. Não vai olhar nada.

- Não chora mãe. Eu vou te mostrar. Eu levo você ao meu pai.

O filho de Nhanderu tinha poderes como seu pai e conseguia manter o rumo a caminhada sem se perder.





A mulher andou pelo mato. Achou uma aldeia e ficou.
De noite, com frio foi perto de *MBAECUAAHÁ*, aquele que conhece as coisas.

Quando o dia clareou ela sentiu que devia continuar a viagem.
Nhanderu logo sabe que ela tinha duas crianças na barriga, e voltou da sua morada.

Andou em círculo. Depois caminhou e foi pegando penas coloridas de pássaros.

Marcou as quatro direções sobre o chão. Norte, sul, leste e oeste. Assim nasceu a dança sagrada. Depois foi deixando as penas para marcar o caminho, para a mulher conseguir voltar a sua casa.



A mulher começou andar, mas depois da terceira pena, ela perguntou ao filho: -Onde está teu pai? O filho estava admirado pelas flores, que nunca tinha visto, pois o mundo era novo e pediu pra mãe: -Mãe me dá essa flor, me dá!





Quando ela tentou alcançar a flor, um espinho a espetou. Com muita raiva, ela acabou perdendo o caminho e não sabendo como seguir, entrou na terra das onças – os gatos selvagens. Era um lugar onde, todo tipo de animais ruins e bons moravam.

O espírito das onças vendo que ela estava grávida ofereceu proteção. Para escondê-lo, a mulher guardou-o dentro da cesta que carregava nas costas.

No meio da floresta, as jovens onças vieram para sentir o cheiro. O espírito protetor ficou calado e não disse nada. Todos os animais vieram, um a um e cheiraram a cesta. Os animais perguntaram: - Vamos comê-la?

E com uma forte pancada, as onças famintas jogaram a cesta fora. Foi nesse momento que o parto começou. Por entre as pernas da mulher escorreu uma água escura e um amontoado de pele mole.

O grande espírito recebeu o saco com muito respeito e o escondeu na cesta. Aí descobriu surpreso que a mulher carregava duas crianças gêmeas. O espírito protegeu as duas, mas quando chegou a noite, já cansado, também dormiu. - Acordaram com fome os pequenos

humanos. O filho de *Nhanderú* perguntou: - Onde está nossa mãe? O coração do Grande Espírito falou: - Sua mãe as onças mataram e comeram. Esta onça velha que está aqui não é sua mãe, mas ela vai cuidar de vocês. A onça mãe deitou-se perto e começou a lambê-los.

Assim, os meninos cresceram com o nome de *TUPI* e *GUARANI*



Os meninos crescidos caçavam para alimentar a velha onça.

Quando já eram homens, uns pássaros contaram-lhes toda a verdade.

Os irmãos decidiram vingar á morte da mãe.

Planejaram a vingança e a melhor maneira de enganar as suas tias e tios.

Falaram para as onças que conheciam um lugar cheio de alimentos, uma terra com muita abundância onde tudo era fácil de colher.

Os filhos de *Nhanderú* e *Mbaecua-á* eram tão astutos quanto as onças.

Andaram o dia e a noite pelo mato. Assim, depois de amanhecer

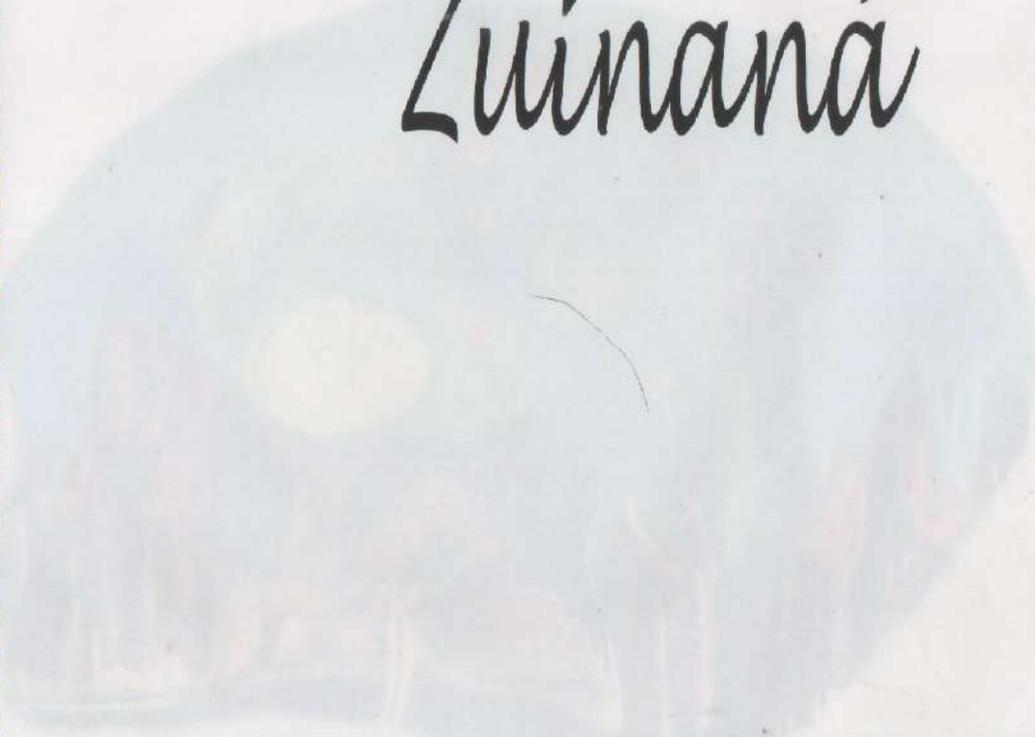
chegaram perto de um rio imenso. Todos se espantaram.- Quem fez esta água grande? - falaram as onças.

Os homens *Tupi* e *Guarani* nada respondiam. Continuaram indo. Então prepararam uma ponte de troncos para as onças atravessarem. Aquela, ponte era uma arapuca: todas as onças caíram uma a uma. Até aquelas que

havam comido a mãe deles. Só uma onça prenha não morreu.

Os homens voltaram à floresta, povoaram a terra e cuidaram da natureza até: hoje.

Zuinaná



Os escarvalhos
e os besouros
zuniam
incessantemente
como protesto
contra a seca e a
morte.

Esta história aconteceu na beira do rio Paranaguaçu quando a tribo dos valentes guerreiros *Pytu-ruçu* havia sofrido uma derrota sem igual. O ruído do rio Paraná Grande arrastava seus cristais de ametista, espantado e saudoso. No povoado da aldeia era a hora da sesta. Hora do sol alto e de calor insuportável. Tudo era silêncio. A luz do sol tropical ajudava mais que as sombras da noite, a vinda dos fantasmas. As velhas árvores queimadas pareciam esqueletos retorcidos.

Os escaravelhos e os besouros zuniam incessantemente como protesto contra a seca e a morte.



Tremiamas ocas.
No chão, entreas cinzas
embranquecidas
lagartixas amarelas e azuis.
Em um galho nu, uma cigarra
ensaiava lamentos.
Um longo som de flauta *mimby*,
multiplicado entre os ecos dava
ainda mais pena e dor. Em um
instante, centenas de pessoas
apareceram dentre as árvores
incendiadas.
Outras pareciam surgir do centro
da torra, dos buracos, das encostas.
Eram os sobreviventes da tribo
Pytu-ruçu.
Eles estavam reunidos para
fazer um conselho.
Os velhos sentaram-se, sobre peles
de onça ou de anta.
Os jovens sobre troncos caídos. Os
rostos ferozes pareciam
humilhados. Por instantes ficaram
completamente mudos.





Uma anciã pajé, com fita vermelha na cintura, ergueu o braço para falar dos valentes homens que morreram e da crueldade do inimigo. Coberta de suor mordeu pedras e flechas exigindo vingança. Queria represália para vingar seus parentes, mas precisava que alguém fosse até o campo inimigo e informasse sobre sua resistência. - *Che! Che aváete'*. Ofereceu seu serviços, o índio Chopó. Era um guerreiro jovem e rápido. Todos gostavam dele, pois tinha valentia e ferocidade. O guerreiro saiu e depois de andar vários dias sem ver nada, alcançou uma palhoça construída nas margens da floresta.. Lentamente e sem fazer barulho, foi até a parede de barro da palhoça e olhou por uma fenda.

Espiou o interior que estava escuro. Viu uma mulher branca que cochilava em uma rede.

Era hora do entardecer e aquela figura parecia uma orquídea branca atravessada no coração do mato.

O pé nu tocava o chão, nos dedos as unhas eram brilhantes como pedaços de conchas. Para vê-la melhor Chopó deslizou-se dentro da casa.

Este jovem selvagem nunca havia sentido outro perfume, porque até aquele momento só sabia do cheiro da terra molhada pelo chuvisco, ou o odor fresco da mata.

Inclinado sobre a jovem que dormia, foi surpreendido pelo perfume da fêmea.





 Sentiu então que todo seu corpo era tomado por uma nova e gostosa excitação.

 Aquele ser não parecia real. Só alguma magia de luar, de espumas de cachoeiras, com flores de goiaba e guavirã. Cheirosa e macia, espuma do mar. Sereia agonizante.

 A estrangeira, debilitada, tenra, parecia longe, indiferente, O índio a via com o esplendor de uma estrela do céu.

 Por vários dias, não conseguiu tirar a imagem da moça da sua memória. Voltou para a aldeia e informou sobre a sua missão.

 Alguma coisa tinha mudado dentro do seu ser. Um fervor novo invadira suas veias.

 Uma dor, uma amargura desconhecida. Um sofrimento que foi contar ao pajé da aldeia.

 O velho logo soube que o rapaz estava apaixonado, mas sendo uma mulher branca, só ficaria com ela se a raptasse.

 O homem velho quis ajudá-lo a aliviar seu sofrimento.

 Entregou para o moço três preciosos talismãs: um embrulhado em folhas de milho para despistar os rastros de seus seguidores; outro em um ovo de pássaro, também para facilitar a fuga. E por último, dentro de uma cana para deixar um sinal em caso de perigo mortal.

 Com toda esta proteção o guerreiro partiu raptando a sua amada.

 O jovem apaixonado correu atravessando a floresta, carregando o corpo da donzela branca. Correu com todas as suas forças. Atravessou o mato. Cruzou o pasto, sempre buscando um refugio para esconder seu amor.

Quando chegaram a um arroio começou a correr fugindo da poeira que os cavalos do inimigo levantavam.

Aquele é meu marido! - gritou a jovem. - Ele vai nos matar.



Os amuletos foram
desamarrados

deixando escuridão e profundos
lamaçais, fumaça amarga. O
que seria seu ninho de amor e
morte. Chopó abraçou a sua
amada e pela primeira vez a
beijou. Seus lábios se
estreitaram em delicioso sabor.

A terra enfeitiçada os engoliu.

O corpo formoso do índio
transformou-se numa árvore. As
flores imitavam a cor do fogo
nas suas pétalas vermelhas,
semelhantes a bocas abertas. O
xamã não achou o pedaço de
cana para quebrar o feitiço,
então os namorados ficaram
para sempre na árvore Chopó.
Zuinaná, seiva vibrante e
fecunda. A casca da árvore
Erythrina mulungu tem poderes
alucinógenos pra os guaranis e
transporta o espírito a mundos
de outra dimensão.





Mbaracá mirim

Mbaracá mirim
Loca
Mbaracá mirim,
na noite sem fim
Acorda no ventre
a chuva.
As sementes mídas.
Atanham
no centro da opudeade e
gemem.
coxiam
no coração da
para acordar
seus filhos,
guatani, je, tupi e
atawak.
Levantam a voz do coração.
A noite já passou.
O novo amanhecer
será terra sem males.
Oresvete
A mãe verdadeira

Mbaraka mirim
Toca
Mbaraka mirim,
na noite sem fim
Acorda no ventre
a chuva.
As sementes miúdas.
Arranham
no centro da oquidade e
Gemem.
coxixam
no coração da terra mãe
para acordar
Seus filhos,
guarani, je, tupi e
arawak.
Levantam a voz do coração:
A noite já passou.
O novo amanhecer
será terra sem males.
Oresyete
A mãe verdadeira

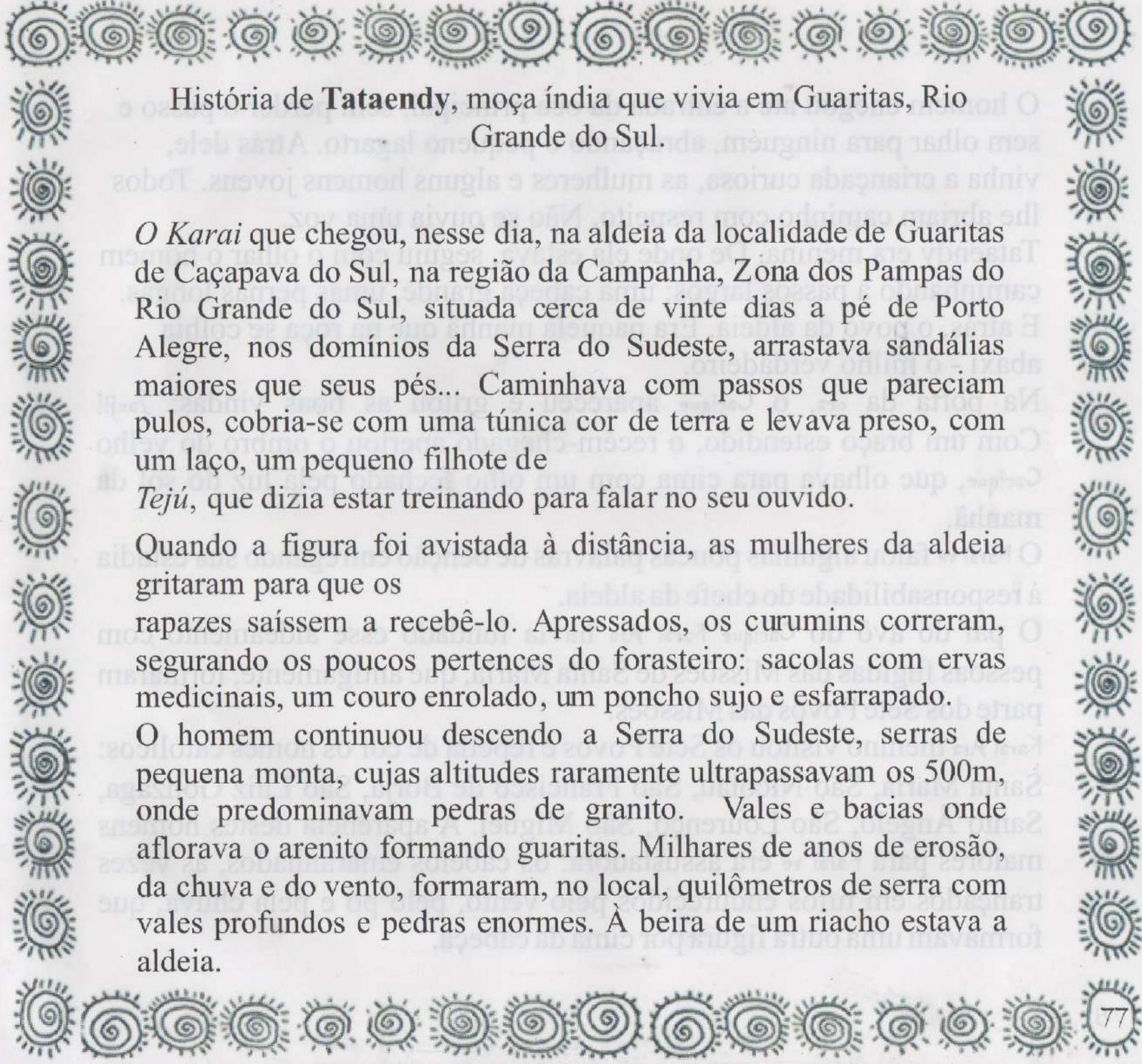




Tataendy



rapabiru
ovejy
2005



História de **Tataendy**, moça índia que vivia em Guaritas, Rio Grande do Sul.

O Karai que chegou, nesse dia, na aldeia da localidade de Guaritas de Caçapava do Sul, na região da Campanha, Zona dos Pampas do Rio Grande do Sul, situada cerca de vinte dias a pé de Porto Alegre, nos domínios da Serra do Sudeste, arrastava sandálias maiores que seus pés... Caminhava com passos que pareciam pulos, cobria-se com uma túnica cor de terra e levava preso, com um laço, um pequeno filhote de

Tejú, que dizia estar treinando para falar no seu ouvido.

Quando a figura foi avistada à distância, as mulheres da aldeia gritaram para que os rapazes saíssem a recebê-lo. Apressados, os curumins correram, segurando os poucos pertences do forasteiro: sacolas com ervas medicinais, um couro enrolado, um poncho sujo e esfarrapado.

O homem continuou descendo a Serra do Sudeste, serras de pequena monta, cujas altitudes raramente ultrapassavam os 500m, onde predominavam pedras de granito. Vales e bacias onde aflorava o arenito formando guaritas. Milhares de anos de erosão, da chuva e do vento, formaram, no local, quilômetros de serra com vales profundos e pedras enormes. À beira de um riacho estava a aldeia.



O homem chegou até a entrada da oca principal, sem perder o passo e sem olhar para ninguém, abraçando o pequeno lagarto. Atrás dele, vinha a criançada curiosa, as mulheres e alguns homens jovens. Todos lhe abriam caminho com respeito. Não se ouvia uma voz.

Tataendy era menina. De onde ela estava, seguiu com o olhar o homem caminhando a passos largos: uma cabeça grande, umas pernas longas. E atrás, o povo da aldeia. Era naquela manhã que na roça se colhia abaxi - o milho verdadeiro.

Na porta da oca, o Cacique apareceu e gritou as boas vindas: Jauji! Com um braço estendido, o recém-chegado apertou o ombro do velho Cacique, que olhava para cima com um olho fechado pela luz do sol da manhã.

O Karai ve falou algumas poucas palavras de benção entregando sua estadia à responsabilidade do chefe da aldeia.

O pai do avô do Cacique Karai Ara havia fundado esse aldeamento com pessoas fugidas das Missões de Santa Maria, que antigamente, formaram parte dos Sete Povos das Missões.

Karai Ara menino visitou os Sete Povos e repetia de cor os nomes católicos: Santa Maria, São Nicolau, São Francisco de Borja, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo, São Lourenço, São Miguel. A aparência destes homens maiores para Karai ve era assustadora: os cabelos emaranhados, às vezes trançados em tufo endurecidos pelo vento, pelo pó e pela chuva, que formavam uma outra figura por cima da cabeça.



Os corpos eram magros, pela incessante caminhada. A pele escura, curtida pelo sol. Os olhos, que estavam sempre distantes e que ninguém se atrevia a olhar de frente, poderiam fulminar como um raio certo.

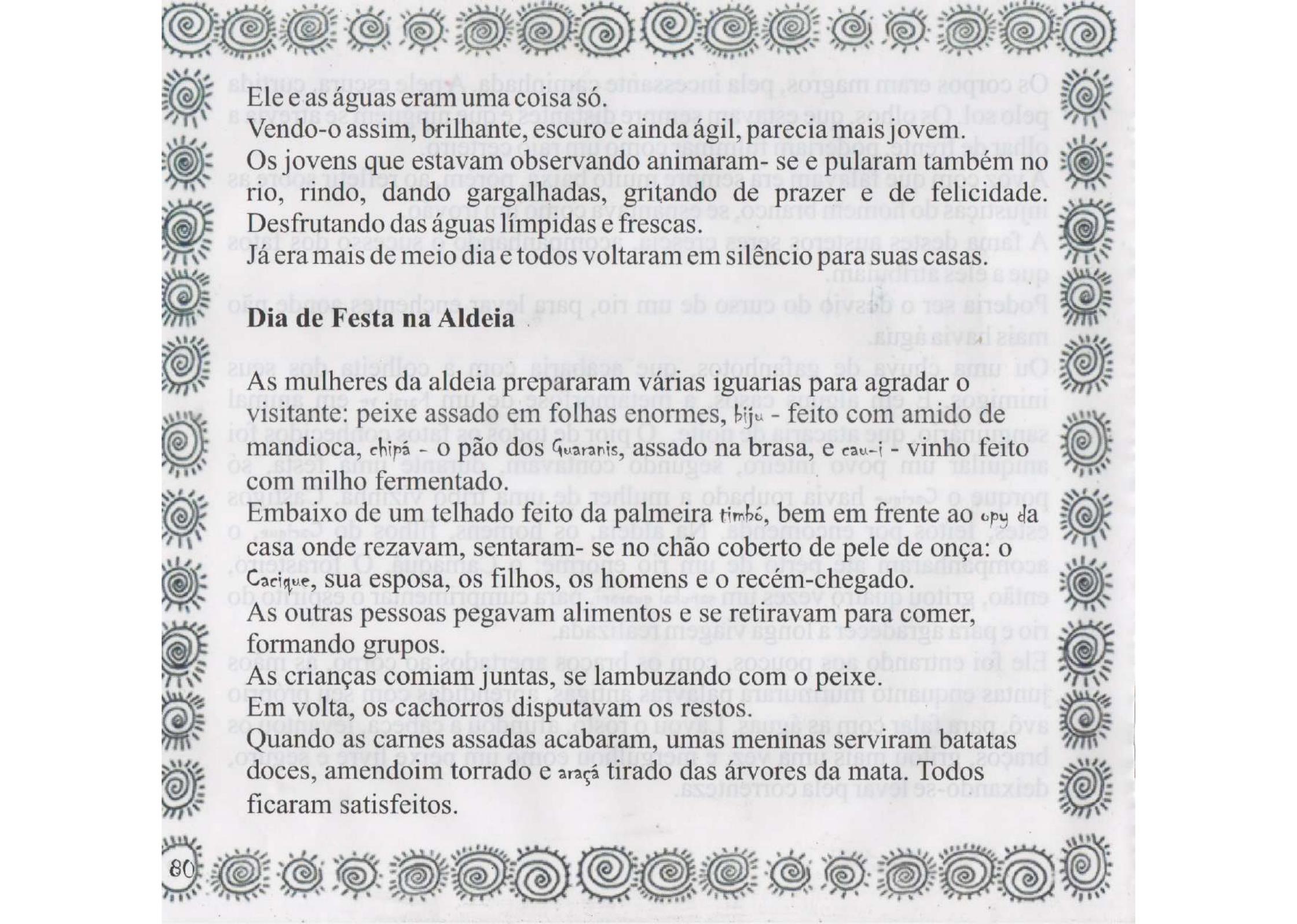
A voz com que falavam era sempre muito baixa, porém, ao refletir sobre as injustiças do homem branco, se espantava como um trovão.

A fama destes austeros seres crescia, acompanhando o sucesso dos fatos que a eles atribuía.

Poderia ser o desvio do curso de um rio, para levar enchentes aonde não mais havia água.

Ou uma chuva de gafanhotos, que acabaria com a colheita dos seus inimigos. E em alguns casos, a metamorfose de um Karai ve em animal sanguinário, que atacaria de noite. O pior de todos os fatos conhecidos foi aniquilar um povo inteiro, segundo contavam, durante uma festa, só porque o Carique havia roubado a mulher de uma tribo vizinha. Castigos estes, feitos por encomenda. Na aldeia, os homens, filhos do Carique, o acompanharam até perto de um rio enorme: o Camaquã. O forasteiro, então, gritou quatro vezes um *sapukai guarani*, para cumprimentar o espírito do rio e para agradecer a longa viagem realizada.

Ele foi entrando aos poucos, com os braços apertados ao corpo, as mãos juntas enquanto murmurara palavras antigas, aprendidas com seu próprio avô, para falar com as águas. Lavou o rosto, afundou a cabeça, levantou os braços, gritou mais uma vez, e mergulhou como um peixe livre e seguro, deixando-se levar pela correnteza.



Ele e as águas eram uma coisa só.

Vendo-o assim, brilhante, escuro e ainda ágil, parecia mais jovem.

Os jovens que estavam observando animaram-se e pularam também no rio, rindo, dando gargalhadas, gritando de prazer e de felicidade. Desfrutando das águas límpidas e frescas.

Já era mais de meio dia e todos voltaram em silêncio para suas casas.

Dia de Festa na Aldeia

As mulheres da aldeia prepararam várias iguarias para agradar o visitante: peixe assado em folhas enormes, *biju* - feito com amido de mandioca, *chipá* - o pão dos *Guaranis*, assado na brasa, e *cau-i* - vinho feito com milho fermentado.

Embaixo de um telhado feito da palmeira *timbó*, bem em frente ao *opy* da casa onde rezavam, sentaram-se no chão coberto de pele de onça: o *Cacique*, sua esposa, os filhos, os homens e o recém-chegado.

As outras pessoas pegavam alimentos e se retiravam para comer, formando grupos.

As crianças comiam juntas, se lambuzando com o peixe.

Em volta, os cachorros disputavam os restos.

Quando as carnes assadas acabaram, umas meninas serviram batatas doces, amendoim torrado e *araçá* tirado das árvores da mata. Todos ficaram satisfeitos.



O Karai ve agradeceu e falou que no dia seguinte iria ouvir as pessoas que quisessem consultá-lo.

A noite foi chegando e cada família entrou em sua respectiva oca.

Os animais dormiam do lado de fora, aquecendo-se uns aos outros.

Por fim, silêncio total.

Ao longe se ouvia o grito de alguns macacos, assustados pelas onças selvagens.

O rio trazia o som da selva, aumentado.

Alguns homens ficavam acordados, alimentando o fogo, fazendo a vigilância da aldeia.

Nesses tempos se falava de uma guerra entre brancos - Juruvá, lá pelas bandas do Paraguay.

A experiência de ataques noturnos, feitos pelos homens brancos, ou pelos caduveos - tribos sanguinárias e temidas - mantinha o povo alerta durante a noite.

Observação: No século XIX, ocorreram ainda várias rebeliões no Rio Grande do Sul. A mais longa delas foi a Guerra dos Farrapos, produto de divergências entre defensores de ideais republicanos e federalistas. Durou dez anos (1835-45). A pacificação do estado, após outras lutas civis, só ocorreu a partir de 1928, com o governo de Getúlio Vargas, que mais tarde viria a ser presidente do Brasil.



Dia de consulta com o Karai ve

De manhã cedo entraram no *opy*: o *Pajé*, sua esposa e o convidado.



Tataenyi vê as mulheres, que são parentes do *Cacique*, cantando e tocando o *Taquapu* - um bastão feito de *taquara*, que só pode ser tocado pelas mulheres, que o batem contra o chão.



A mais velha dá início ao canto e os homens jovens respondem batendo o *Maraká*.



O *Pajé* acende seu cachimbo feito de barro e acompanha o canto, enquanto as pessoas sentadas são 'limpas' com a fumaça do *pety guá*.



Assopra fumaça nas costas, na cabeça, e massageia as partes que os doentes dizem estar afetadas.



O *Pajé* trata dores no corpo, estiramento de músculos, espinha dorsal arriada pelo peso carregado.



As criancinhas são acordadas, retiradas do peito da mãe.



O choro desesperado de medo é um sinal de que o mal instalado reluta a se render às forças curadoras.



Quando chega a hora de *Tataendy*, ela conta ao *Pajé* que há tempos tem um sonho e que ela quer saber o que significa.



A mãe e o pai da menina contam para o curador que a menina acorda no meio da noite chorando, e mesmo com os olhos abertos ela não consegue acordar.



Então, o velho indígena manda que ela e os pais voltem mais tarde, para falarem sozinhos.





Os cânticos continuam e todos são atendidos. Algumas pessoas friccionam seus filhos ou avós com ervas.

Ao final da tarde a sessão acaba.

É servida uma refeição feita do sumo do milho, em pratinhos de barro cozido.

O Sonho de Tataendy

No dia seguinte, depois dos atendimentos, o Pajé chama a família para conversar. - Crianças vão para outros mundos – disse ele. - E lá, elas pegam informação para realizar seus destinos neste mundo.

- Fale: o que você viu? - Eu vejo meu povo sendo tirado das terras – responde

Tataendy. - Vejo um caminho atravessando as montanhas altas e depois águas imensas, sem fim. Não dá para ver o outro lado. E quando parece que estamos felizes, somos atacados no meio da noite, e temos que fugir de novo. O Pajé fala para os pais da menina: - É o destino de nosso povo andar para sobreviver. “O homem branco - Jurúá - deseja nossas matas, para tirar as árvores. Persegue nossa gente para escravizá-la. Estão cegos pela avareza. O deus branco foi morto e está numa cruz.

Eles mataram o 'Filho' que veio a trazer paz.

Nosso Pai verdadeiro é Mhanderu. O nosso Pai verdadeiro quer que você se prepare para guiar o povo do outro lado das montanhas. Quando chegar a hora Ele vai mostrar como fazer. Ainda não é o momento. Preste atenção aos sinais. A menina deverá ser forte para conseguir alcançar o pedido de Mhanderu.

O nosso Pai quer que você pense coisas boas.

Quando for atacado pelo medo, visualize uma coisa boa.

Não jogue pensamentos ruins sobre sua alma.

A alma é como uma lagoa tranquila; os pensamentos de medo são pedras que formam círculos.

Veja como esses círculos são pequenos perto do lugar onde caiu a pedra, mas são enormes quando se afastam.

Afaste o ruim da sua mente e de sua vida.

Pense em coisas boas”. – conclui o Pajé.

Observação: Os Guarani Mbya referem-se aos brancos como juruá. Não se sabe ao certo desde quando empregam esse termo, porém, hoje, ele tem uso corrente e parece destituído de seu sentido original. Juruá quer dizer, literalmente, “boca com cabelo”, uma referência à barba e ao bigode dos europeus conquistadores. De todo modo, o nome Juruá foi criado a partir do contato com os brancos colonizadores. Passou, com o tempo, a ser uma referência genérica aos não índios (Ladeira, 1992). Uma das expressões empregadas para designar os brancos é *etavakuére*, que quer dizer “aqueles que são maioria, que são muitos no mundo”. Essa e outras expressões, embora não sejam utilizadas na linguagem corrente, são freqüentes nos discursos proféticos ou, como dizem, na “linguagem dos antigos”.



Pira piky pé (Piaba)



Uma mulher Pajé

As palavras do médico indígena foram tranquilizadoras e sábias.

Ter um destino conhecido dava uma força interna. Trazia a segurança de que, a partir de agora, a aldeia toda prestaria atenção a essa criança e a ajudaria a atingir seus objetivos. O destino de um povo estava para ser resolvido. Existiam muitas restrições para um Pajé: tipos de alimentos que podiam ser consumidos, modos de se vestir e de se comunicar com as outras pessoas. Anciãs da tribo iriam preparar tudo para que Tataendy superasse as próprias fraquezas, limitações e tudo o que impedisse o engrandecimento do seu conhecimento e do seu poder. As meninas se preparavam para sua primeira lua, tempo de saber que já eram mulheres e que poderiam ser mães. As tangas eram apropriadas para proteger a barriga onde o neném iria morar por nove luas. Não poderiam 'pegar' friagem, nem molhar os cabelos, nem tomar banhos frios a qualquer hora do dia. O ventre materno deveria ser 'quente' - lugar que o espírito escolheria para habitar.

Percebe-se toda a cautela que as pessoas tinham na preparação da jovem na sua entrada para o mundo das mulheres – que não é qualquer mundo, mas o mundo do povo Guarani. É necessário cuidar da alma, adornar a história e ensinar o bom proceder, pois somente com a sua plenitude - tanto religiosa como de sua origem (que se confunde em seus significados) - é que será possível a continuidade, a construção do Guarani eté.



Isto era isto tão importante que alguns rezadores *kaiowá* afirmavam que se não fosse feito, a criança não gostaria de ficar e iria embora deste mundo.

Diziam que a má preparação das crianças *Guarani* teria conseqüências fatais, se elas não fossem “adornadas” conforme o ensinamento dos antigos.

Elas enfraquecem, entristecem e morrem.

Nas palavras dos *Pajés Guaranis*: “Devido às crianças crescerem sem serem adornadas, crescem tristes *onhemyro*. Quando as criaturas não são adornadas, elas crescem pensando somente em si, se esquecem dos donos do Ser.

Os pais iriam aconselhar sobre o jovem que poderia casar com ela e ser o pai do seu filho, homem verdadeiro com força e resistência física, agilidade, destreza, agressividade. Que soubesse confeccionar seus instrumentos de trabalho e de defesa e seus ornamentos. Que conhecesse as técnicas de caça, agricultura e pesca, bem como atividades como a dança, o canto, a corrida de toras com buriti. Por ser uma mulher *Pajé* deveria aprender a cantar os cânticos sagrados, as invocações para pedir saúde, proteção ao povo, colheitas fartas, abundância de alimentos.

Também acompanharia as velhas mulheres com o *taquapu*, e *yeroky*: a dança que congrega e dá força, assim como as raízes dão força às plantas e o círculo que as pessoas formam durante a dança representa a totalidade.

Mas o aspecto temporal do círculo é que nós partimos, vamos a algum lugar e sempre retornamos. O círculo representado por muitos dançarinos, logo nos transforma numa totalidade completa, quer no tempo, quer no espaço. Sem começo e sem fim.”



A Pedra do Segredo e o lugar das Três Cavernas

Até os vinte anos Tataendy foi preparada para ser a guia espiritual do seu povo. Num dia de sol quente, a avó da garota levou-a visitar as Guaritas, distantes quase um dia a pé. Eram as cavernas onde seus ancestrais tinham vivido há milhares de luas atrás. Andaram com passo firme sem descansar, até chegar a uma fonte d'água e ali se detiveram porque a anciã precisava descansar. Depois continuaram e já ao cair da tarde avistaram as cavernas, formadas nos morros, não muito altos. O solo era colorido em vários tons de vermelho, rosa, amarelo e branco, quase como farinha. A beleza do lugar era magnífica. Dentro, as cavernas eram frescas. E por estarem no alto, dava para ver as margens de um rio enorme. Tempos atrás, nosso povo morava nestas cavernas - disse a vovó. - Ainda encontraremos restos de fogueira. Vamos fazer nosso fogo aqui mesmo. Das bolsas de couro tiraram umas pedras que quando raspadas entre si produziam faíscas, e com fibras muito finas acenderam a fogueira dentro da caverna. Ficaram caladas, olhando o fogo que dançava como uma fita até o céu. As varas de madeira crepitavam e estalos davam animação à cerimônia noturna. Contra as paredes as sombras pareciam enormes. As palavras da velha senhora tinham um eco, quando disse:- Eu trouxe você aqui para receber as palavras sagradas que ajudarão você na sua caminhada para além das serras, até alcançar as águas grandes. Esta noite o Espírito virá te visitar e você mesma o receberá. Não o interrompa e lembre tudo o que ele falará



para você. Comeram alguma coisa que carregavam e beberam um chá feito de ervas, que a mulher trazia. Depois, embrulhadas num poncho feito

de lã de carneiro, deitaram perto das brasas da fogueira para dormir. Tal qual voltando de uma viagem que havia durado poucas horas, a jovem

acordou e olhando para a anciã, que já estava alimentando o fogo, começou a falar. - Eu escutei a voz falando dentro do sono.

- Você não teve medo desta vez? - perguntou a velhinha.

- Não. Ele mandou eu desenhar no chão o caminho que eu ia fazer. Eu já

conhecia os lugares que Ele me mostrava, e minha voz queria falar: é isso, é aquilo - mas o Espírito mandava eu me calar. Dizia para eu continuar

desenhando a rota e ao final eu vi como chegar até o mar. O lugar é Paraty Mirim. Não conta para ninguém esse nome. Isso é ainda um segredo.

- O que mais Ele falou? - Ele disse que eu vou casar com um homem chamado Miguel, metade índio e metade branco. A natureza dos sonhos era

tão clara que as duas mulheres voltaram felizes para a aldeia. Meses depois, as guerras entre brancos haviam acabado, mas as armas que

sobraram iriam ser usadas para perseguir indígenas, ocupar terras, e tomar posse dos terrenos férteis. O fato dos brancos estarem em paz significava

que começaria a perseguição para os Guaranis. O grupo que seguiria para o leste carregou as cestas na cabeça, levando algumas raízes e frutas, levantou as crianças que ainda não andavam e saindo de manhã foram

partindo. Foram quarenta e oito pessoas.





Atrás ficaram os mais velhos, os doentes, as mulheres que estavam por dar à luz, e os que tinham preguiça de continuar andando. A caminhada era lenta e sempre deveriam passar a noite escondidos para não serem capturados pelos policiais que ameaçavam matá-los.

A Terra sem males Yvy Marã

Yvy Marã era a Terra sem Males - como território físico, onde se pode morar, plantar e viver seu tekoa porá. Não só viver em harmonia com os elementos, como o sol, água, vento, chuva, lagos, lagoas, rios - mas sim, um lugar espiritual para permanecer em paz, e desfrutar o poder da Mãe Terra. A natureza humana tem uma sensibilidade especial com a geografia, que por sua vez desperta a imaginação construtiva. Durante milhares e milhares de anos de interação com os seres vivos, animais e plantas, o homem encontra inspiração dentro da plenitude da Natureza. Os povos nativos deste continente recebem e transmitem esta compreensão de amor pela nossa Mãe Terra, pois para eles, os animais são sagrados porque nos fornecem alimento, a água é reverenciada nas planícies e nos sertões desertos e as árvores são igualmente sagradas, pois nos dão frutos, remédios, lenha e sombra. O povo Guarani entendia que por ser sagrado, o Universo Natural deveria ser tratado com humildade, compreensão e respeito. Aquelas caminhadas ou deslocamentos têm um sentido de buscar satisfação, bem estar. Estar satisfeito ou talvez descobrir algo melhor, que possa vir pela frente.



 Deixar lugares e sair buscando outros lugares e pessoas representa ativar o sentimento de vy-á - buscar o que ainda não se viu. 

 Durante a viagem que durou muitos anos, chegavam aos aldeamentos e encontravam parentes e notícias em Kapií Ovy. 

 Seguiram andando por dias e dias e quando chegaram, descansaram, e alguns formaram casais e decidiram ficar. O seguinte passo seria atravessar as serras. Passaram o rio Jacuí e ficaram um tempo em Canoas, afluente do rio Uruguai. Este rio divide os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. 

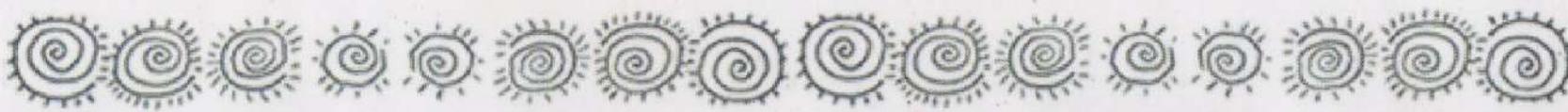
 O clima era muito frio. As crianças deveriam se alimentar bem para resistir durante a viagem. A mulher Pajé - mbarete - sabia preparar xaropes com embaúba ou ambay para curar a tosse. Para as febres altas ela dava chá de pitanga. O homem ranco criava carneiros. Com o pelo destes animais preparavam fibras que podiam ser usadas no tear manual. Os Guaranis fiavam algodão para fazer suas roupas frescas no verão, e lã de carneiro para seus ponchos de agasalhar. Andando, atravessaram União da Vitória. Daí em diante, iniciaram a subida da Serra do Mar. 

 **Na Serra do Mar** 

 Um manto cinza e frio cobre a serra do Mar. Ondulações serpenteiam deitando na baía suas costas. Serra e mar. Os primeiros raios de sol acordam pássaros que sacodem as asas contra a neblina. 



Uma mulher de longos cabelos negros, segurando uma vara de taquara, estende os braços, abrindo ao sol sua túnica branca. Ergue-se a figura da mulher *Guarani*, que canta ao sol sua prece de gratidão. Prece para *Kuarahi Mhandeva*, Sol Pai verdadeiro. A mulher é anciã e a voz não tem força. Ela ensaia uma lamentação, sussurrante no início, depois mais alto. O tom vem crescendo. É um fervoroso louvor *Kuarahi eté!* Depois dos cantos ela permanece em silêncio. A neblina se desfaz, desnudando a montanha. A luz chega até o fundo do abismo. As arapongas, pássaros da mata, respondem com seu gorjear de sinos à benção de luz e calor. A poucos metros da mulher, um homem revive a fogueira que aqueceu o sono de um punhado de gente caminhante da floresta. A velha volta-se para o grupo e diz: - O mar está perto. É lá que *Tupã* vai nos encontrar. Todos escutam em silêncio a voz de *Tataendy Mbarete*, mulher valente e jovem, que amamenta um menino de cabelo espetado. O jovem que parece ser o companheiro arruma o fogo com a ponta de um pau seco. Duas criancinhas sorridentes comem batatas assadas nas brasas. Desafiante, *Tataendy Mbarete* contempla o movimento das aves. E aguarda algum sinal das aves: o augúrio da jornada que tem pela frente. Uma ave do tamanho do seu punho, vermelha de bico preto, pousa no ramo diante de seus olhos: um *Tiê Pytá*.



Tiê Vermelho/Tiê Sangue - prediz movimento, aceleração - como o sangue que jorra e se movimenta pelo corpo.

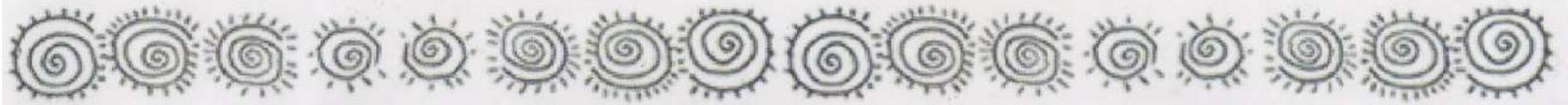
É o sinal daquilo que os caminhantes precisam para alcançar a salvo a beira do mar: Paraty Mirim, pequeno mar.

Os Moradores da Beira do Mar

Os nomes dos lugares são em língua Tupi. Em Guaratuba eles encontram o povo dos pescadores, que fazem cercos de paus para pegar o peixe. Moram em casa de barro e telhados de palha. Têm roça de milho, feijão e mandioca. Eles sabem fazer canoas muito finas, e se equilibram em pé para entrar no mar tranquilo da baía. Estes homens do mar conhecem ilhas e aproveitam as correntes marinhas para viajar. Agora estão sabendo de uma guerra grande entre os brancos. Guerra com armas de fogo, e com explosões capazes de acabar com o mundo.

Mas o grupo continua andando e por fim chegam à Paranaguá, onde decidem esperar a passagem da época das chuvas. Dentro das ocas fazem fogueiras para se aquecer e secar taquaras. Com as fibras trançadas preparam balaios para vender, ou trocar por tabaco, arroz, ou alguma iguaria.

Algumas mulheres que conhecem a cidade usam produtos cosméticos para pintar o rosto. Tataendy já tem três filhos. Ela é uma mulher Pajé e não pode pintar o rosto. Guiados por seus legítimos líderes, os grupos se deslocam em busca de



terra de solo fértil e mata virgem, tentando permanentemente viver de acordo com os preceitos dos antepassados e os ensinamentos das divindades, que poderiam ser exemplificados pelo seguimento da cultura Guarani: a preservação da organização social e dos casamentos, a manutenção das matas, a economia da reciprocidade e o trabalho em regime de mutirão, a não avareza, o respeito à dieta alimentar, a procura incessante por perfeição - *aguyje* - e, em consequência, o não seguimento dos costumes do não-índio. Entre os *Mbya*, o milho *awati/avaxi/avachi/abati* e a mandioca *mandio/manji'o/mandiog* são os principais alimentos, sublinhando-se a centralidade do milho na agricultura Guarani, como alimento físico e espiritual. Para os Guaranis, o milho tradicional é o verdadeiro *awati eté*.

Além disso, o calendário econômico-religioso anual organiza-se a partir de sua plantação. Observa-se também o cultivo da batata-doce *jety*, abóbora *andai*, melancia *sandiáu*, feijão *kumandá*, amendoim *manduvi*, banana *paková*, cana de açúcar *takuaree araxi*, abacaxi *naná*. Foram registrados cinco tipos diferentes de milho: *awati ju* - amarelo de espiga pequena; *awati si/avachi chi* - espiga branca e macia; *awati para'i* - espiga com grãos "coloridos"; *awati ju guaçu* - espigas grandes e amarelas e *awati'i* - milho precoce ou "criança", de espiga pequena e grãos macios. Além de áreas de lavoura coletiva, que podem incluir cana, abacaxi, banana e até mandioca e milho, dentre outros, existem outras áreas menores, próximas às pequenas concentrações de casas, com lavouras pertencentes às famílias nucleares, próprias para 'consumo diário'.



Nos lugares onde há comércio com navios, os *Quaranis* compram e vendem. Ferramentas, facas, espelhos e missangas são as mercadorias mais procuradas.

Algumas mulheres fazem vasilhas de cerâmica para cozinhar. Aproveitando que têm que ficar dentro de casa, o artesanato é obrigatório. Crianças de poucos anos já trabalham, cortando fitas de taquara, fiando algodão para usar o tear manual, ou ajudando a preparar o alimento.

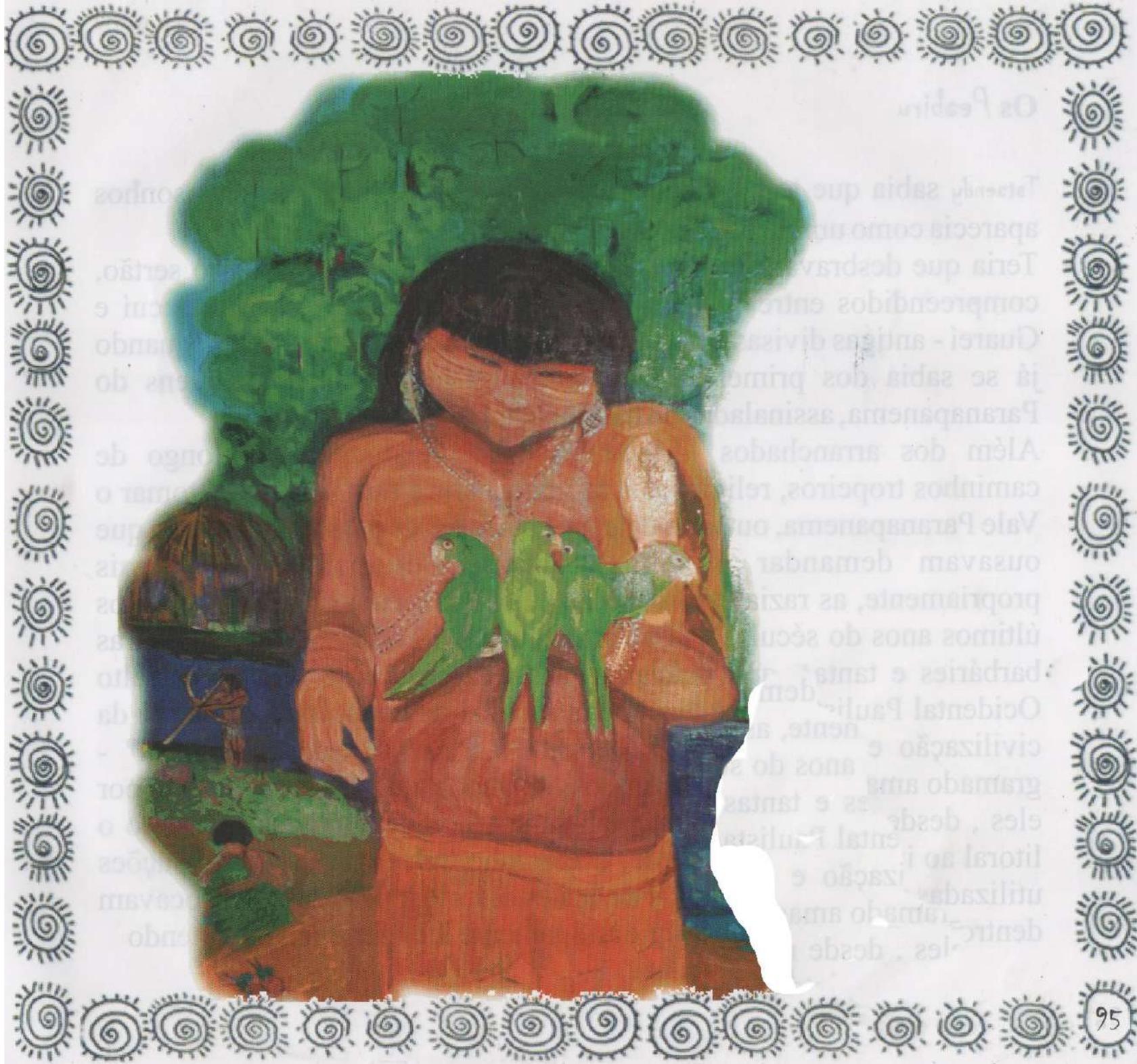
A comunidade trabalha unida para fazer farinha de mandioca. Os homens trazem cestas enormes com mandioca, as mulheres ralam, e depois, em uma grande fogueira, colocam uma base de cerâmica para torrar a farinha.

Os que chegam das outras aldeias ajudam em todas as tarefas.

À noite, rezam juntos no *Opuy*.



Moi mbaraca



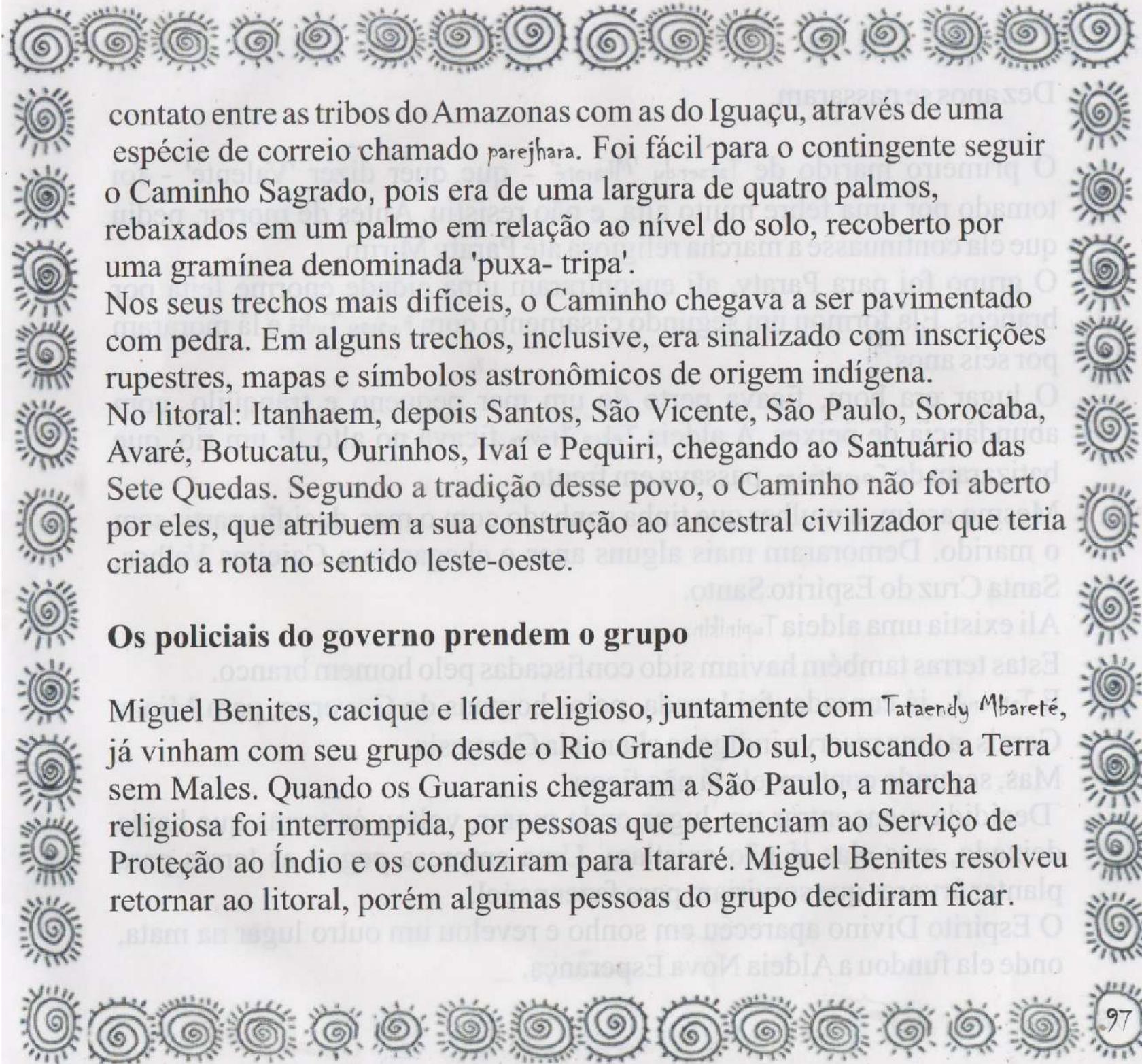


Os Peabiru

Tataendy sabia que teria que alcançar o Paranapanema, que nos seus sonhos aparecia como um rio caudaloso, repleto de peixes.

Teria que desbravar terrenos desconhecidos por todo o imenso sertão, compreendidos entre os dois rios, desde os cursos das águas Jacuí e Guareí - antigas divisas de Botucatu - às barrancas do rio Paraná, quando já se sabia dos primeiros assentamentos jesuíticos, às margens do Paranapanema, assinaladas no mapa espanhol como 'Paraquaria'.

Além dos arranchados - reconhecidos oficialmente, ao longo de caminhos tropeiros, religiosos e militares, uns e outros, todos a tomar o Vale Paranapanema, ou parte dele, por corredor de passagem àqueles que ousavam demandar o sertão. Embates 'civilizáveis' ou, mais propriamente, as razias promovidas pelos brancos aos índios, desde os últimos anos do século XVI ao final do século XIX foram verdadeiras barbáries e tantas, que marcaram a sangue inocente todo o Planalto Ocidental Paulista, por mais de três séculos de conquistas em nome da civilização e do progresso. Os *peabiru* ("pe" - caminho; "abiru" - gramado amassado) eram caminhos utilizados pelos antigos, aberto por eles, desde muito antes da chegada dos homens brancos, ligando o litoral ao interior do continente. O caminho tinha diversas ramificações utilizadas pelos antigos para ir do leste ao oeste. Por eles, se deslocavam dentro de um vasto território que antigamente lhes pertencia. Mantendo



contato entre as tribos do Amazonas com as do Iguçu, através de uma espécie de correio chamado *parejhara*. Foi fácil para o contingente seguir o Caminho Sagrado, pois era de uma largura de quatro palmos, rebaixados em um palmo em relação ao nível do solo, recoberto por uma gramínea denominada 'puxa- tripa'.

Nos seus trechos mais difíceis, o Caminho chegava a ser pavimentado com pedra. Em alguns trechos, inclusive, era sinalizado com inscrições rupestres, mapas e símbolos astronômicos de origem indígena.

No litoral: Itanhaem, depois Santos, São Vicente, São Paulo, Sorocaba, Avaré, Botucatu, Ourinhos, Ivaí e Pequiri, chegando ao Santuário das Sete Quedas. Segundo a tradição desse povo, o Caminho não foi aberto por eles, que atribuem a sua construção ao ancestral civilizador que teria criado a rota no sentido leste-oeste.

Os policiais do governo prendem o grupo

Miguel Benites, cacique e líder religioso, juntamente com Tataendy Mbareté, já vinham com seu grupo desde o Rio Grande Do sul, buscando a Terra sem Males. Quando os Guaranis chegaram a São Paulo, a marcha religiosa foi interrompida, por pessoas que pertenciam ao Serviço de Proteção ao Índio e os conduziram para Itararé. Miguel Benites resolveu retornar ao litoral, porém algumas pessoas do grupo decidiram ficar.



Dez anos se passaram.

O primeiro marido de Tataendy 'Mbaraté' - que quer dizer 'Valente' - foi tomado por uma febre muito alta, e não resistiu. Antes de morrer, pediu que ela continuasse a marcha religiosa até Paraty Mirim.

O grupo foi para Paraty, ali encontraram uma cidade enorme feita por brancos. Ela formou um segundo casamento com Kuaray Tudjá e lá moraram por seis anos.

O lugar era bom, ficava perto de um mar pequeno e tranqüilo, com abundância de peixes. A aldeia Tekoa Itaxim ficava no alto. E um rio, que batizaram de Carapitanga, passava em frente.

Mesmo assim, a mulher que tinha sonhado com o mar, decidiu partir sem o marido. Demoraram mais alguns anos e chegaram a Caieiras Velhas, Santa Cruz do Espírito Santo.

Ali existia uma aldeia Tupinikin.

Estas terras também haviam sido confiscadas pelo homem branco.

E Tataendy, já cansada, foi levada, pelos homens do Governo, para Minas Gerais, a uma reserva indígena chamada Carmesia.

Mas, segundo contam, ela lá não ficou.

Decidida a encontrar um lugar onde morar, voltou às terras que havia deixado, mas elas já não existiam. Uma empresa pegou as terras para plantar árvores que serviriam para fazer papel.

O Espírito Divino apareceu em sonho e revelou um outro lugar na mata, onde ela fundou a Aldeia Nova Esperança.

No ano de 1993 o cacique Kuaray Tudja, com 125 anos, morreu. Em 1999, o Grande Espírito Mhanderú levou a 'Mulher Valente' que salvou seu povo, também aos 125 anos.



O fato de pensar a totalidade ou pensar holisticamente

Observe uma cesta, feita de pequenos pontos, uma série de linhas em intersecção, formando uma TOTALIDADE em equilíbrio dinâmico.

As culturas indígenas conhecem e percebem esta totalidade.

Podemos aprender com eles. Faça uma cesta com palha, taboa, cipó ou material reciclado, como folhas de jornal.

Vamos usar pontos de crochê ou de tricô e tecer alguma peça, como tiara ou cachecol.

Juntando muitas pedrinhas ou conchas podemos fazer uma Mandala circular. Podemos colar as partes em cima de um papelão ou de um pedaço de madeira. Ou reciclar uma embalagem de papelão.

Na vida, o viver é o que dá sentido a esse saber e conhecer. Não é o que outros nos contam, nos falam em discursos. O sentido do saber, do para que e por que, se tece de uma outra maneira, a partir de relações imediatas e a partir de cada ser.

Como poderiam os grupos sociais enumerados demonstrar suas responsabilidades com o meio ambiente:

O parlamento-----

As autoridades-----

Os grupos religiosos-----

Os consumidores-----

Os educadores-----

Os radio difusores-----

Compartilhar conhecimento.

Praticar solidariedade, agir em conjunto diante dos interesses comuns.

Formar redes cooperativas, não competitivas.

Ser um líder que passa informação, como as raízes de uma árvore passam alimento para os galhos e frutos.

Mobilizar sua imaginação criadora, seu afeto e seu amor.

Ser um líder que compartilha decisões abrindo o coração, para que o objetivo seja o bem de todos, não o egoísmo pessoal.

Pense no processo integrador duma árvore. O que está encima: a copa, os galhos, as folhas, os frutos, tem tanta importância como o que está embaixo: as raízes, que absorvem nutrientes.

Não existe uma hierarquia. O feminino e o masculino trabalham juntos.

O açúcar criado pela luz solar, nas folhas, viaja para as raízes.

A seiva flui para as folhas desde as raízes.

Linhas de fluxo conectam lados opostos: direita e esquerda, encima e embaixo.

Mesmo sendo complexas, estas conexões mantêm uma auto-organização.

Exemplifique sobre atos no presente e no passado, em que situações de desigualdade, diferenças econômicas e sociais foram superadas, integrando a diversidade cultural.

Sugestões para refletir em grupo

Você acredita que a ecologia está promovendo novos valores?

Enumere alguns.

Pense como seria uma sociedade onde as pessoas praticassem a solidariedade, a igualdade entre todos, e onde se recorresse à força espiritual, com mais respeito à vida.

Poderia buscar ou dizer que na sua vida familiar, institucional e social existem alguns sinais de mudança?

O livro ECOLOGIA de Leonardo Boff tem como subtítulo: Grito da terra, grito dos pobres.

Que relação podemos estabelecer entre “um planeta doente e sofrido” e a pobreza, a miséria e o sofrimento de milhões de seres humanos?

Um pouco da história da relação entre os indígenas e o homem branco

1495 Tratado de Tordesilhas entre Espanha e Portugal.

1555 Alvar Nunez 'Cabeça de Vaca' reconhece a existência de 65.000

Guaranis na

Região das Missões.

1534 Chegada da Companhia de Jesus.

1620 Região do Guairá, no Estado do Paraná

Itaim Sul do Pantanal Mato-grossense

Redução de Tapé Sul, no Rio Grande do Sul.

1700 Declínio do projeto espanhol dos Jesuítas.

150.000 Guaranis participaram das reduções: Santo Ângelo, São Francisco de Borja, São

Luis Gonzaga, São Lourenço (com 6.500 indígenas), São Miguel, São Nicolau (com 5.500 indígenas) e

São João, formando os Sete Povos das Missões.

1732 Reduções do lado Argentino: Rio Uruguay e Rio Paraná, Santo Tomé, Concepción, Apóstoles, San José, San Carlos, Santa Maria, Mártires, Loreto, San Ignacio (com 6.5000 indígenas), Corpus, Trinidad e Norte do Rio Paraná: San Cosme, Santiago, Santa Maria (6.500 indígenas) e Santo Ignacio Iguazu.

1777 Assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, entre Portugal e Espanha, pelo qual ficou garantida a soberania espanhola sobre Sacramento e a posse de Rio Grande pelos portugueses. A região hoje correspondente ao estado do Rio Grande do Sul teve sua fronteira definida apenas em 1801, após a assinatura do Tratado de Badajoz. No século XIX, ocorreram ainda várias rebeliões no Rio Grande do Sul e migrações desde abaixo do rio Iguatemi no Paraná, na direção leste.

1820 As migrações atingem a cabeceira do rio Peixe - rio Itariri, em São Paulo.

1835-45 No século XIX ocorreram ainda várias rebeliões no Rio Grande do Sul. A mais longa delas foi a Guerra dos Farrapos, produto de divergências entre defensores de ideais republicanos e federalistas. Durou dez anos. Isto motivou uma migração massiva em procura da Terra sem Males. A pacificação do estado, após outras lutas civis, só ocorreu a partir de 1928, com o governo de Getúlio Vargas, que mais tarde viria a ser Presidente do Brasil.

1837 Terras são demarcadas.

1860 Famílias Guaviva fundam Bananal Preto - Rio Preto.

1892 Em Kauru fundam a Aldeia de Rio Feio.

1902 Chegam ao rio Avari - rio Batalha.

1911 Fundam a Aldeia de Arariba, município de Avaí

1927 Fundam a Aldeia de Peruíbe (FUNAI)

1950- 1960 Contínuo migratório para o litoral do sub-grupo Mbya - "os que não se submetem".

Aldeamentos atuais no Litoral Paulista:

Itariri, Rio Branco, Rio Silveira, Boa Vista - Pró Mirim, Planalto Paulista, Mboi Mirim (Santo Amaro - SE da Capital São Paulo), Morro da Saudade.

Jaraguá (NO de São Paulo - Parque Estadual de Jaraguá).

Rio Branco: Município de Itanhaém, São Paulo

São Vicente: Migrações do ano 1942 do Leste Paraguaio e Norte Argentino, que atravessaram Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Itariri: Rio Azeite, a 10 quilômetros de Itariri e a 25 quilômetros de Peruíbe.

Barragem, Cruzeiro e Jaguará.

Aldeia Rio Silveira

1940-1950: Ribeirões do Silveira, Vermelho. É a mais populosa aldeia do litoral de São Paulo.

Aldeia Boa Vista: localizada em *Pro Mirim*, a 22 quilômetros de *Ubatuba*, Serra do Mar.

Aldeamentos atuais no Rio de Janeiro:

Bracuí, Município de Angra dos Reis.

Itatim, Araponga e Rio Pequeno em Paraty.

Aldeamentos atuais no Espírito Santo:

Aldeia de Boa Esperança, Fazenda Araçruz.

Bacia Platina, ou dos rios Paraná e Uruguai

A Bacia Platina, ou do rio da Prata, é constituída pelas sub-bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, drenando áreas do Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai.

O rio Paraná possui cerca de 4.900 km de extensão, sendo o segundo em comprimento da América do Sul. É formado pela junção dos rios Grande e Paranaíba. Possui como principais tributários os rios Paraguai, Tietê, Paranapanema e Iguazu. Representa trecho da fronteira entre Brasil e Paraguai, onde foi implantado o aproveitamento hidrelétrico binacional de Itaipu, com 12.700 MW, maior usina hidrelétrica em operação do mundo. Posteriormente, faz fronteira entre o Paraguai e a Argentina. Em função das suas diversas quedas, o rio Paraná somente possui navegação de porte até a cidade argentina de Rosário.

O rio Paraguai, por sua vez, possui um comprimento total de 2.550 km, ao

longo dos territórios brasileiro e paraguaio, e tem como principais afluentes os rios Miranda, Taquari, Apa e São Lourenço. Nasce próximo à cidade de Diamantino, no estado de Mato Grosso, e drena áreas de importância como o Pantanal mato-grossense. No seu trecho de jusante banha a cidade de Assunción, capital do Paraguai, e forma a fronteira entre este país e a Argentina, até desembocar no rio Paraná, ao norte da cidade de Corrientes.

O rio Uruguai, por fim, possui uma extensão da ordem de 1.600 km, drenando uma área em torno de 307.000 km². Possui dois principais formadores, os rios Pelotas e Canoas, nascendo a cerca de 65 km a oeste da costa do Atlântico. Fazem parte da sua bacia os rios Peixe, Chapecó, Peperiguaçu, Ibicuí, Turvo, Ijuí e Piratini.

O rio Uruguai forma a fronteira entre a Argentina e Brasil e, mais ao sul, a fronteira entre Argentina e Uruguai, sendo navegável desde sua foz até a cidade de Salto, cerca de 305 km a montante.



Gygyo pará

Bibliografía

Bibliografía consultada:

Blanislava Susnik

"los aborígenes del paraguay" Aproximación a las creencias indígenas"
Museo etnográfico Andrés Barbero Asunción paraguay.1984-1985 ed
Cromos

"Interpretacion etnoculturalde la complejidad sudamericana antigua"

""El hombre persona y agente ergológico""II

"Formación y dispersión étnica""I

Museo etnográfico Andres Barbero Asunción paraguay 1995 ed liticolor

Darci Ribeiro

""Diarios Índios""Compania das letras.Sao Paulo 2004 3edición

Maria Conceicao L de Chaves

""Rio lunado""

Buenos aires 1976

Maria Inês Ladeira

Antropóloga - CTI (Centro de Trabalho Indigenista)

<http://www.trabalhoindigenista.org.br/>

Vamos entender as palavras:

Abati ou **abachi**: milho

Ara: luz, resplendor, brilho, o dia.

Bai pu tivy: tigre azul.

Bai pu chivi: tigre azul, gato azul.

Caiuy: bebida de milho fermentado.

Caraguatá: bromélia da que se tiram fibras para tecer.

Kurupira: ser mitológico com o poder da imortalidade, que habita as matas, e cuida dos animais e vegetais.

Guavirá: fruta silvestre.

Hovy: cor azul

Kuaray: o sol.

Jachi: a lua

Kandea: a terra do bem eterno, lugar mítico.

Mbaraká: chocalho de ritual feito com cabaça e sementes, sem enfeites coloridos.

Mbaecua-á: sábio, conhecedor, pajé que sabe manipular as potências positivas e negativas,

Mbya Guarani uma das denominações do grupo Guarani do Brasil.

Mbya Tambeopé: Nome que recebemos os guarani em atenção ao chiripá que usam como vestimenta. Espécie de pano entre as pernas, amarrado na cintura.

Mimby: iflauta de bambu

Nhandesy: nossa mãe

Nhandeva: os que somos nós, os que são dos nossos, nossa gente, denominação guarani.

Subdivisão do grupo guarani.

Nhande rekó: modo de ser, nossa vida guarani.

Pajé: Shaman, medico indígena .

Parana guaçu: Rio Paraná.

Pindó: palmeira juçara.

Pytá: cor vermelha.

Pitu vuçu: tribo guerreira.

Yvy marâ: Terra sem males.

Takuá: tipo de bambu, usado para tecer cesto

Takua-pu: instrumento de percussão ferrenino..

Tekoas: povoados,aldeias.

É formada em pedagogia pela Universidade de Buenos Aires, professora de desenho e pintura, e artista em arte cerâmica desde 1983.

Sua fonte de inspiração se encontra na Mata Atlântica: a vegetação do mangue, os pássaros, os índios e todas as criaturas viventes.

Desde 1997 promove em Paraty, a mostra de arte YMAGUARE MITOS E LENDAS INDÍGENAS com a participação dos melhores artistas indígenas guarani do Brasil, e outros artistas convidados, de vários países

Seus primeiros mestres em arte cerâmica foram os nativos de Areguá, vila de ceramistas no Paraguai. Comunidades nativas como a Mapuche, na Argentina e no Chile, assim como a de Santa Clara Pueblo no Novo México, onde conheceu e adotou novas técnicas de escultura em cerâmica que enriqueceram seu estilo delicado.

Juntamente com seu companheiro Roque González funda em 1997 a ASSOCIAÇÃO NHANDÉVA - entidade sem fins lucrativos, solidária às culturas indígenas.

O trabalho desta associação foi reconhecido pela prefeitura de Paraty em 2003, quando a “Mostra de Arte Ymaguaré – Mitos e Lendas Indígenas” foi incluída no Calendário Anual de Eventos Culturais da cidade, e em 2004 pela Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro e pela UNESCO, através do Prêmio "CULTURA NOTA 10"

No ano de 2009 foi uma das escolhidas para Ponto de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, pela Secretariade Cultura do Estado.

Suas pinturas e peças artísticas estão no mundo todo representando um pedaço desta terra maravilhosa, a qual luta por preservar.



Patricia Solari- Oresyete





Marciana Oliveira Aldeia Araponga



Telecentro na Aldeia Paraty Mirim